

Impressões sobre a direção

por Alain Fresnot

(a partir de entrevista realizada por Maria do Rosário Caetano)

Sempre me intrigou a transformação da imagem mental em imagem real, como a imagem filmada vai se sobrepondo àquela imaginada. Esta vai se esmaecendo ao longo do trabalho, desde a idéia do roteiro, passando por todas as opções dos elementos que constituem o que está frente à câmera, inclusive os atores, e finalmente é substituída por aquela imagem fruto do trabalho do fotógrafo e de sua luz.

Intuitivamente, penso que se fosse possível, com rigor, retrazar este percurso, suas perdas e eventuais acréscimos, talvez se compreendesse melhor a criação cinematográfica. A dificuldade é que a criação efetiva da imagem, a realidade, vai de tal maneira se impondo, que, ao término do trabalho, o inicialmente pensado está tão distante que tenho dificuldade de recuperar um fragmento que seja do imaginado e compará-lo ao realizado. Não sei se esta inquietação é só minha ou é compartilhada por meus colegas, mas para mim assume tal importância que é como se fosse a pista para a realização do próximo filme.

Há três tipos de cineastas: os que já nascem sabendo, os que não aprenderão jamais e os que aprendem com a experiência. Tenho a pretensão de estar entre estes últimos. Cada diretor tem seu método de trabalho, a única certeza é que não há regras absolutas. O meu método é o de tentar imaginar ao máximo o resultado da imagem. Minha formação de montador, a enorme admiração que nutri durante anos por Eisenstein, meu medo de perder o controle no set, todos motivos para, com o auxílio de um desenhista, fazer um "story board". Este desenho de produção deve aproximar-se o máximo possível do que vai ser filmado. Como qualquer método, tem seus prós e contras - o que se perde em espontaneidade, ganha-se em rigor.

Mesmo este "story board", ao qual corresponde na maior parte a decupagem e os enquadramentos efetivamente usados, já é parte intermediária do processo e faz esvanecer o impulso inicial, a imaginação primeira. Administrar esta metamorfose, incorporando contribuições, rejeitando outras, é o trabalho, o princípio de realidade que separa a criação artística do delírio informe.

Há dois momentos em *A Noite Americana*, (Francois Truffaut/1973), filme que trata de nossa profissão e do qual nunca esqueço. Num deles, alguém pede ao diretor que defina o seu trabalho. Ele diz: "Diretor é o que escolhe, está sempre escolhendo, verde ou vermelho? Brando ou exaltado? Claro ou escuro? Rápido ou devagar? O diretor não faz nada além de escolher". Em geral, de comum acordo com o profissional específico da área, mas em alguns momentos à sua revelia. Isto é igual, na Europa, nos EUA ou aqui.

De meu filme anterior - *ED MORT*, de 1997 - para *DESMUNDO*, muita coisa mudou. *ED MORT* gozou da prerrogativa de ter sido um dos primeiros filmes da retomada do Cinema Brasileiro. Contou com a vontade e garra de toda a equipe para, com pouco dinheiro, colocar um filme na lata. Lembro-me de jornadas de trabalho de 14, 16 horas, não com saudade, mas com a sensação de que nada era mais importante de que o filme sendo feito. Agora, tenho o orgulho de ter conseguido pôr *DESMUNDO* na lata sem praticamente nenhuma hora extra e com a realização de uma média de 14 planos filmados por dia, nenhum estouro de cronograma.

Noutro momento de *A Noite Americana*, Assistente de Direção e Continuista conversam, duas mulheres; a Continuista, se não me falha a memória, abandona a filmagem para seguir um homem, a Assistente teoriza: "Há dois tipos de mulheres, as que trocam um filme por um homem, e as que trocam um homem por um filme". Sou deste tipo de pessoa, que gosta do set,

da filmagem, da vida mambembe de equipe em locação. Gosto de ver o trabalho bem feito, do Varredor de Set ao Diretor de Produção. Tudo pelo filme, tudo pelo cinema. Sou um amador.

Minha primeira motivação em adaptar *DESMUNDO* para o cinema foi a grande qualidade do livro. Quando, em 1996, comprei os direitos do romance, sabia que tinha nas mãos uma grande história. Uma história rica em personagens e peripécias. Tinha nas mãos uma narrativa de dimensão épica e dramaturgia elaborada. A riqueza de colorido e informação contida no livro de Ana Miranda me motivaram muito. Me entusiasmei tanto com a trama e personagens, quanto com o pano de fundo histórico. Para mim estes dois planos estão de tal forma imbricados, que formam um todo. Creio que o público, ao ver o filme, fica diante de uma história realista e tem idéia do que foram os primeiros anos do Brasil colonial. Há riqueza nas personagens e no pano de fundo. Não há como desfazer este novelo, este amálgama, entre a trajetória dos personagens e o contexto histórico.

Um dos principais desafios que me coloquei ao adaptar o romance foi deslocar o foco da narrativa - transformar uma narração em primeira pessoa em uma história contada por uma visão exterior. O livro é narrado pelo olhar de uma menina, educada num mosteiro de freiras, que soma à sua religiosidade, muitos sonhos. Oribela, no livro, tem seus delírios, há uma grande riqueza na parte onírica da personagem. Eu não me sentiria confortável se tentasse traduzir estes delírios em imagens. O que me interessou na transposição do livro para a tela foi a parte realista. A religiosidade da personagem também foi bastante diminuída em consequência de sua destituição do papel de narradora.

A escolha do elenco também foi uma etapa muito importante na construção do filme. Para Oribela testamos 150 adolescentes. Simone foi a escolhida. É uma atriz que aparenta um ar adolescente e tem garra e talento de veterana. Osmar Prado chegou à nossa equipe tardiamente, pois a personagem seria feita pelo Luis Mello, que não pôde fazê-la por problemas de agenda. Mas o Osmar chegou fincando a bandeira no Evereste. Em poucos dias havia de tal forma incorporado Francisco Albuquerque que parecia estar entregue ao personagem há meses. Tive a sorte de que, neste filme, os problemas que se apresentaram no elenco acabaram se transformando em soluções. Hoje não consigo pensar em Francisco Albuquerque sem o rosto e a entrega de Osmar Prado.

Outra opção do filme foi buscar atores de teatro para participações especiais, como Cacá Rosset e José Rubens Chachá, do Ornitórrinco, e os atores do grupo Parlapatóes. Acho que os coadjuvantes têm que ser tão bons quanto os protagonistas, para harmonia do conjunto, e homenagem aos atores principais. Claro que Beatriz Segall merecia papel infinitamente maior. Mas ela me deu a alegria de aceitar uma participação especial. Quanto a Berta Zemel, devo um agradecimento a Beto Brant. Ele me recomendou que eu fosse vê-la na montagem de *O Anjo Duro*. Fui e fiquei encantado. O resultado está na tela. Ela fez de Dona Branca um personagem marcante.

Por fim, gostaria de confessar que até mesmo eu tenho uma participação mínima como ator no filme. Eu quis repetir experiência que me marcou muito na época de faculdade, pois fiz teatro, como amador, na pré-história do Grupo Ornitórrinco. Em *DESMUNDO* escolhi para mim um personagem terrível... Sou um mameluco, que atua como vigia no engenho de Francisco de Albuquerque. Ao sair, lubricamente, atrás de um índia, ele permite a primeira fuga de Oribela. É um personagem displicente, um desatento. Fazer essa participação foi um descanso dentro do enorme trabalho de se realizar um longa-metragem.

Sobre o trabalho de roteirista

por Sabina Anzuategui

Eu estava formada na faculdade de cinema fazia um ano e meio, em 1998, quando o Alain me convidou para trabalhar no roteiro de *DESMUNDO*. Ele desenvolvia o projeto havia quase dois anos, estava satisfeito com a linha narrativa, conforme me disse, mas queria melhorar os diálogos e acrescentar um certo “toque feminino”. Aceitei o trabalho entusiasmada, depois de ler a versão do roteiro que ele me entregou, toda confiante no meu talento que ia afinal ser descoberto, achando que era “a pessoa certa para aquele trabalho”, uma espécie de road movie feminino medieval, conforme me pareceu à primeira leitura.

Como estava recém-formada e trabalhava num emprego que eu odiava, nosso acordo ficou bastante diferente dos padrões dos roteiristas no cinema brasileiro: larguei meu emprego, o Alain me contratou por mês, e passei a ficar oito horas por dia na produtora, “trabalhando no roteiro”. Foi só depois de uma semana de reuniões, em que o Alain me explicou melhor o que queria e não queria, que percebi de fato a dificuldade do trabalho que assumira. Eu não poderia ficar diante do computador, o dia inteiro, retirando e incluindo palavras. Porque passado o primeiro entusiasmo, percebi que não tinha a menor idéia de quais palavras incluir, numa história adaptada de um romance ambientado no século XVI. O que alguém falaria no séc. XVI? O que alguém faria, quando estivesse cansado, ou não tivesse nada para fazer? As pessoas ficavam sem nada para fazer no séc. XVI? De repente, todas as minhas noções de cotidiano, que eu usava para escrever meus roteiros na faculdade, não valiam mais nada. E o “toque feminino” significava o quê? Qual a relação de uma jovem nos dias de hoje com uma adolescente do séc. XVI?

Durante o ano e meio em que trabalhei no roteiro de *DESMUNDO*, escrevi quase dez versões (chamamos de versão a cada forma intermediária do texto que tenha cortes e acréscimos significativos, antes que se chegue à “versão final”). A primeira versão representava meu espanto e mutismo diante da dificuldade da empreitada: cortei todos os diálogos que me pareciam deslocados ou anacrônicos, e restou apenas a personagem de Oribela, calada diante daquele mundo novo e estranho, caminhando em silêncio pelas cenas e cenários descritos no livro. E essa personagem era também eu, abismada diante de um novo mundo (o trabalho) que não sabia como enfrentar.

Mas como aluna dedicada, mergulhei na leitura dos textos que poderiam me ajudar a sair desta selva escura onde eu tinha penetrado. Primeiro, e mais natural, li, reli e anotei inteirinho o romance da Ana Miranda (até levei meu exemplar numa copiadora, para que cortassem a lombada e colocassem um espiral, facilitando o virar e desvirar das folhas). Afinal, se estávamos fazendo uma adaptação do livro, se nosso desejo e inspiração era ele, então era ali que deviam estar boa parte das respostas. Pareciam estar. E minha segunda versão do roteiro, tentando superar o mutismo exagerado das personagens, recheava as cenas com as frases e falas que mais me marcaram no livro.

O roteiro estava, então, com os diálogos mais literários, e com todo o toque feminino que eu conseguira dar. Estávamos orgulhosos do nosso trabalho e distribuímos várias cópias a pessoas conhecidas, para colher opiniões. Mas ao lado de alguns elogios, essas leituras externas trouxeram principalmente indicações de coisas que ainda não estavam funcionando. Por que a personagem está sempre fugindo? O que ela tanto espera encontrar em Portugal? O que, afinal, ela quer? A protagonista, que no livro de Ana Miranda era a própria narradora, sedutora em sua linguagem voluptuosa, estava no roteiro esvaziada de seu poder principal, o poder de narrar: e suas ações, diretamente retiradas do romance, ainda não significavam o suficiente no formato cinematográfico.

Foi então que descobri que escrever um roteiro a partir de um romance é como costurar um bustiê com o tecido de uma saia. Você tem material à vontade, e o tecido pode ser lindíssimo: mas você precisa criar a nova forma. Depois de cortar, pregar e remendar, você precisa construir algo novo.

Nessa altura do trabalho, eu já havia lido uma série de livros históricos do século XVI. Além de livros de história *sobre* o período, li com ainda mais atenção os relatos que sobreviveram *desde* essa época: cartas de jesuítas, relatos de viajantes, descrições antropológicas da vida e dos rituais indígenas. E como faltava uma voz feminina entre estes textos relacionados ao Brasil, li também com muito prazer os textos de Santa Tereza de Ávila, que revelaram para mim uma nova visão do que era ser mulher no século XVI.

Um pouco mais segura sobre a época, o ambiente, e a aventura das pessoas que viveram este período, começamos então a fazer o que é mais difícil ao escrever um texto: dizer o óbvio. Porque o óbvio é, de certa maneira, a essência do que precisa ser dito. Por tentativa e erro, eu e o Alain havíamos pensado e repensado todas as possibilidades envolvendo os personagens principais: Oribela, Francisco, Ximeno, Dona Branca, Viliganda. Restava então selecionar o essencial, e dar a cada personagem seu momento, como aconselha Jean-Claude Carrière em seu ótimo livro “Prática do roteiro cinematográfico”.

Esse foi meu trabalho, como roteirista. Deixei com o Alain a versão final, toda escrita em português atual, com o único cuidado de evitar palavras referentes a objetos que não existissem naquela época, e o uso alternado de tu e vós nos diálogos. A tradução dos diálogos para o português arcaico precisaria de conhecimentos muito maiores que os meus. A versão do roteiro aqui publicada é justamente a última versão, que considerávamos pronta, e foi entregue ao Helder Ferreira para que trabalhasse nos diálogos. Depois disso, umas poucas cenas foram alteradas, algumas falas foram cortadas, e uma coisa ou outra foi acrescentada às vésperas da filmagem. Mas isso faz parte de todo trabalho de cinema, e o leitor que tiver a paciência pode se divertir ao descobrir as diferenças entre o roteiro publicado e o filme pronto.

Por fim, gostaria de dizer que tenho orgulho de ter concluído este trabalho resolvendo uma equação que me parecia quase impossível no início: mantendo o lirismo e a sabedoria do livro de Ana Miranda, construindo um relato visual quase documental sobre o início da colonização brasileira, como queria o Alain, e estabelecendo entre os personagens uma tensão silenciosa que se revela em pequenos gestos, que é o meu próprio modo de escrever, o tipo de cena que mais gosto de fazer.

Adaptação dos diálogos

por Helder Ferreira

Fontes da pesquisa

Desde logo, é preciso dizer que a adaptação das falas de *DESMUNDO* para o português de 1560 baseou-se em produtos de uma tradição de pesquisa que remonta à virada para o século XX e suas primeiras décadas, com os estudos em filologia e literatura medievais de Carolina Michaëlis, Manuel Said Ali, Epiphânio da Silva Dias, José Joaquim Nunes, Joseph Huber e com os estudos em fonologia histórica de Gonçalves Viana. Neste sentido, é preciso dizer que a pesquisa que fundamentou a adaptação do roteiro não é original, mas fruto de uma tradição que ainda hoje está a produzir, veja ainda as obras de Rosa Matos e Silva, Paul Teyssier, Ismael de Lima Coutinho, Ivo Castro, entre tantos outros.

Além dessas, muitas fontes diretas foram consultadas insistentemente, principalmente as peças de Gil Vicente (ricas em informação sobre o português oral e dialetos regionais, como mirandês e leonês), mas também os cancioneiros, as crônicas reais (Fernão Lopes e Gomes Eanes de Zurara, principalmente), e as coleções de textos medievais incluídos nos compêndios dos autores acima citados. As gramáticas quinhentistas de Fernão de Oliveira e João de Barros igualmente foram visitadas.

Os estudos sobre o português do Brasil e a permanência de traços de português antigo em algumas variantes do português brasileiro também orientaram e enriqueceram o trabalho, como os de Heitor Megale e Ataliba Castilho. Foram feitas também pesquisas de campo próprias, com entrevistas gravadas na zona rural de municípios do nordeste de Minas Gerais, como Januária, São Francisco e Arinos, e do vale do Jequitinhonha, como Diamantina e Serro.

Um falar português do século XVI

Com a articulação dessas fontes, e procurando operar o mais amplamente possível nos diversos níveis da língua, foram delineadas regras ou padrões de diferenciação entre o português contemporâneo e o antigo; em outras palavras, foram elaborados conjuntos de traços caracterizantes de um falar português do XVI, tanto no nível lexical (isto é, o nível das palavras e da escolha das palavras), como no fonético-fonológico (o da pronúncia das palavras) e no sintático (o da estruturação da frase). Esses conjuntos caracterizantes serviram como pedras-de-toque para transformações arcaizantes, como fórmulas tradutoras dos enunciados escritos em português contemporâneo para um português mais antigo.

Assim, com esse tipo de intervenção ampla e vertical (naqueles três níveis da língua: da palavra, da pronúncia e da frase), esperava-se que a adaptação das falas não soasse inverossímil, como algumas vezes acontece nesse tipo de trabalho, quando a adaptação é feita apenas superficial e horizontalmente, operando apenas no nível lexical. Isto é, quando apenas se importa meia dúzia de palavras antigas (como o exaustivamente usado *vosmecê*) para estruturas frasais marcadamente contemporâneas e com uma pronúncia igualmente moderna.

Também vale lembrar que, para a elaboração desse conjunto de traços do português quinhentista, foi levada em consideração a probabilidade de, naquela época, haver dialetos que apresentassem traços de um português ainda mais antigo do que aquele que comumente aparece nos textos literários do século XVI. Isto é, assim como hoje se observa a permanência de traços do português do XVI no português falado em algumas regiões do Brasil, e assim como essa permanência nem sempre é prestigiada pelo padrão escrito culto, assim também haveria variantes portuguesas com traços marcadamente medievais (variantes do chamado português antigo ou arcaico) convivendo com variantes mais parecidas com o que viria a ser chamado de

português clássico ou moderno, do século XVI. Isso significa que, apesar de se tratar de um português do século de XVI, a pesquisa não se restringiu aos textos do XVI, sendo que muitas palavras e estruturas foram retiradas de documentos bem mais antigos (até mesmo do século XII).

A adaptação das falas do roteiro

Após a definição desses critérios, foi iniciado o trabalho propriamente dito de tradução das falas do roteiro. Numa primeira etapa, foram elaborados um arquivo com as falas de todos os personagens, e diversos arquivos menores, um para cada personagem e suas falas. Em seguida, foram preparados os arquivos de palavras, com a lista de todas as palavras do roteiro, e outras listas menores, uma para cada personagem e suas palavras. A listagem das palavras gerou um inventário da ordem de 600 diferentes itens lexicais em cerca de 3100 ocorrências no total. As falas somaram 490.

Essas listas foram fundamentais para guiar a pesquisa no nível lexical, uma vez que lidar com todos os vocábulos da língua despenderia uma enorme energia de pesquisa desnecessária. Com a lista de palavras foi possível ter clareza dos campos e unidades lexicais que ocorriam de fato nas falas do roteiro, dando agilidade e direção à busca por formas arcaicas nos textos medievais, em glossários e dicionários. Foram encontrados dois tipos de vocábulos durante a busca, basicamente: palavras cujo radical era muito diferente do usado nas palavras hoje (como em *chus*, *samicas*, *nemigalha*, *mondo*); e palavras que, seguindo os padrões de diferenciação do português atual para o arcaico, são familiares mas apareceram com uma outra roupagem fonético-fonológica, recuperando antigas pronúncias dessas palavras (como em *drento*, *essonhava*, *caje*, *benção*, *eigreja*, *nembrar*). Esse último tipo foi o mais comum. Veja os exemplos:

abantesma (fantasma)
abondo (muito)
acó (cá, aqui)
algures (em algum lugar)
antano, antanho (antes, antigamente)
antre (entre)
aramá, eiramá (em má hora)
atã, atam (muito, tão)
benção (bênção)
caje (quase)
chus (de *plus* = muito)
coidar, cuidar (pensar)
creimados (queimado)
derribar (fazer descer, fazer cair)
drento (dentro)
igual modo (como, igual a)
eigreja (igreja)
emparar (sustentar)
essonhar (sonhar)
fideputa (filho da puta)
fremosa (bonita)
froles (flores)
leixar (deixar)
medesmas (mesmas)
mondo (limpo, ver *imundo*)
nam, nã, nō (não)
nembrar (lembrar)

nemigalha (nada, pouca coisa)
nha, inha (minha)
nonada (nada, pouca coisa)
nulha rem (nada, pouca coisa)
ofensão (ofensa)
polo (pelo)
rábia (raiva)
sa, so (sua, seu)
samicas (talvez, quem sabe...)
seênço (silêncio)
semelhar (parecer)
sobolos (sobre os)
ta, to (tua, teu)
tamalavez (dificilmente)
todalas (todas as)
u (onde)
ua (uma)
veerom (vieram)
velidos (bonitos)
xopra! (afaste-se! vai embora!)
zote (idiota)

Depois da atualização (ou “desatualização”) das palavras e da pronúncia das palavras, passou-se para as transformações na estrutura da frase. Veja como alguns traços sintáticos e semânticos do português arcaico foram usados na adaptação das falas:

- a dupla negação ainda mais freqüente que no português contemporâneo (eu não quero nada, ninguém não quer fazer o trabalho...).

ORIBELA

(..) Vou embarcar e ninguém mais saberá de mim.
(..) *Vou embarcar e nenhum nam vai a saber de mi.*

MARIA

Deus tudo perdoa, padre.
Deus nunca non perdõa, padre;

- o verbo *haver* era o principal verbo para expressar a posse, de ocorrência mais freqüente que o verbo *ter*, principalmente com possuídos inerentes (partes do corpo) ou objetos não-concretos.

MARIA

Não tenho mão que me segure, não posso segurar-te a ti.
Nõ hei mão que me empare, nõ posso emparar-te a ti.

BRANCA

(a Francisco)

Tens fome?
Hás de fome?

ORIBELA

Sonhei que os marujos tinham pés de bode...
Essonhava que os marujos haviam pés de bode...

MARIA

(amarga)

O demônio nos tenta, fazendo-nos crer que temos virtudes que não temos...
O demoino nos pon em tentazão, fazendo creer que hemos vertudes que non hemos nemigalha...

- a indeterminação do sujeito era feita pelo impessoal (*h*)*omem*:

FRANCISCO

Sei quanto vale o dinheiro. Em alguma parte é preciso buscá-lo.
Conhoço o dieiro. E algures omem precisa caçá-lo.

- os verbos irregulares às vezes tinham conjugação regular:

FRANCISCO

Eu sei, padre...
Eu seio, padre...

ORIBELA

Não é nada! Não fiz nada! Não sei...
Nulha rem! Nonada! Nam fije nada!
Non é rem.

Os arquivos de falas individuais permitiram um maior controle das alterações, segundo cada um dos personagens, o que de alguma forma também contribuiu para a reprodução da diversidade dialetal e sócio-lingüística do português do XVI. Foram observadas a condição sócio-econômica de cada personagem, sua idade e escolaridade e, sempre que possível, suas falas foram marcadas com formas peculiares. Assim, considerando o perfil da personagem Branca, por exemplo, atribuiu-se a seu falar as marcas mais arcaicas entre os personagens, enquanto os personagens supostamente letrados, como o Governador e Jesuíta, falariam variantes com traços mais modernos.

BRANCA (OFF)

De onde veio a criança?
De u veo a creança?

Não tinha outra?
Non hi havia outrem?

Mais gorda? Com quadris maiores?
Chus gorda? Chus ancuda?

Quem cuidas que és...? Perdeste o joízo? Sandeceu?
Insoitar o padre daquesta manera! Zote!

O personagem Ximeno, por ser sefardita, também teve tratamento especial em suas falas, para as quais foram trazidas estruturas e palavras do ladino, língua de base espanhola, falada hoje em comunidades judaicas no Marrocos, na Turquia, nos Balcãs e nas Américas, regiões para as quais muitos judeus-ibéricos imigraram fugindo da perseguição católica a partir do século XV. A língua ladina é conhecida por apresentar fortes marcas de espanhol arcaico.

XIMENO

He caminado solo dos dias y ya me duelem las piernas...

XIMENO

Cuidas que veniran a la cibdat?

No hagas ruido. No andes. No avles. El prieto pode oírte.

No lis permiten salir. Traeré augua...

Por fim, considerando as limitações que a modalidade escrita em alfabeto romano impõe à representação da oralidade e preferindo não usar o alfabeto fonético por razões didáticas, optou-se por gravar as falas de cada um dos personagens em CDs e depois distribuí-los aos atores junto com o roteiro. Com esse CD foi possível completar a adaptação principalmente no nível fonético e explicitar o jogo de relações entre as letras e os sons, que é um pouco diferente do atual. O grupo *ch*, por exemplo, não tinha valor *xis* mas de *tche*; o *ss* e o *ç* representavam sons diferentes, assim como o *s* e *z*; o *l* em alguns contextos se realizava como *r* (alguma-arguma); entre outras particularidades.

Desmundo

1 CONVÉS DA NAU EXT/NOITE

Sobre o céu noturno aparece o letreiro:

“A El-Rei Dom João:

Já escrevi a Vossa Alteza sobre a falta de mulheres que há nesta terra do Brasil, com quem os homens casem, e vivam afastados dos pecados em que agora estão.

Por isso, mande Vossa Alteza muitas órfãs. Se não houver muitas, que venha uma mistura delas com outras quaisquer. As mulheres brancas são tão desejadas aqui, que quaisquer farão muito bem à terra.

Padre Manoel da Nóbrega

1552”

A imagem recua para uma nau portuguesa do século XVI. As velas estão inchadas ao vento. São velhas, com rasgos costurados.

No chão, entre lonas e caixas, marinheiros dormem amontoados. Jovens, rotos, barba e cabelos longos e desgrehados.

Para além do convés, tudo escuro. O horizonte não é visível. Sente-se apenas o movimento das ondas e o barulho do mar.

2 CABINE DA NAU INT/NOITE

ORIBELA, moça de uns quinze anos, acorda assustada. Olha à sua volta.

Está numa cabine escura e minúscula. Cinco adolescentes e uma mulher dormem amontoadas no chão. Têm roupas simples e sujas, os cabelos cobertos por véus. A mulher mais velha, MARIA, ronca levemente.

BERNARDINHA, uma moça forte, está em pé olhando pela janelinha da cabine.

ORIBELA
(hesitante)
Bernardinha...

Bernardinha olha Oribela. Tem o rosto desgostoso, o enjôo acumulado da viagem. Não diz nada, e volta a observar a janela.

ORIBELA
(tímida)
Bernardinha... tive um sonho ruim...
Bernardinha... tive eu dum pesadelo...

BERNARDINHA
(irônica)

Outro?
Outro?

ORIBELA
Sonhei que os marujos tinham pés de bode...
Essenhava que os marujos haviam pés de bode...

Bernardinha, impaciente, segue para seu lugar.

BERNARDINHA
Faz tanto calor que eu preferia dormir entre eles...
O calor é tam gram que per mi dromia antre eles...

Bernardinha deita ao lado de POLLONIA, de costas para Oribela.

ORIBELA
(assustada)
Nos cortavam em pedaços...
Nos talhavam em partes...

BERNARDINHA
(incomodada)
Shhhh!...
Cal-te...

Bernardinha se abraça a Pollonia e começa a dormir.

Oribela, sozinha, observa a colega de costas.

ORIBELA
(insistindo)
Nos cortavam...
Nos talhavam...

MARIA
Quieta...!
Seênço...!

Oribela olha ainda um instante para Bernardinha. Esta não reage. Oribela então pega um crucifixo que traz preso ao pulso, e o beija, como tentando se proteger.

Quase a ponto de chorar, começa a rezar em voz baixa:

ORIBELA
Entrarei no altar de Deus... Deus que alegra minha
juventude... Deus, Deus meu... Que fez o Céu e a
Terra...
*Salve Regina mater misericordiae, vita dulcedo et spes
nostra salve. Ad te clamamus, exulses filii Evae, ad te
suspiramus gementes et flentes in hac lacrimarum valle.¹*

¹ OBS: Na tradução dos diálogos, optou-se por uma oração tradicional em Latim.

3 MAR, PROA EXT/NOITE

A proa da nau corta o mar escuro.

O oceano se estende à sua frente, infinito.

4 LATERAL DA NAU, MAR EXT/DIA

Sol forte. Uma vaca, suspensa por cordas, vem sendo baixada sobre pequeno barco acostado à nau. Um marinheiro grita e gesticula:

MARINHEIRO DA NAU 1
Desce! Vem! Podes descer!
Chus baixo! Derriba! Podes derribar!

A vaca suspensa muge, assustada.

5 PRAIA AO FUNDO, BARCO EXT/DIA

Maria e as meninas estão num barco igual ao da vaca, conduzido por dois marinheiros, seguindo em direção à praia.

Séria e concentrada, Maria observa a paisagem ao longe.

Os marinheiros remam.

As meninas observam a costa pasmadas.

Oribela tem um olhar de espanto, um medo ingênuo e infantil.

Ao fundo, além do mar, aparece a costa do Brasil - verde, exuberante, coberta pela Mata Atlântica.

A praia é ampla, mas não há porto. Apenas uma pequena cidade, quase um acampamento à beira da mata. As mercadorias são descarregadas na areia, onde há um alvoroço de homens e animais de carga.

Todas as meninas estão agrupadas. Oribela está isolada no fim do banco, junto com caixas, sacos e baús. Traz no colo um saco de pano rústico, sua pequena bagagem.

Maria nota sua expressão.

MARIA
Cha! Cha! Baixai o rosto! O sol vai queimar vossa pele!
*Cha! Cha! Baxai o rostro! O sole hi vae creimar vossa
pele!*

Oribela finge não ouvir, e continua olhando.

6 PRAIA EXT/DIA

Um padre JESUÍTA, 30 anos, num hábito velho e gasto, observa a chegada das meninas a certa distância.

Oribela sente o impacto da quina do barco batendo na areia.

As meninas descem do barco. Maria faz um gesto pra que se apressem.

Desacostumadas, depois de tanto tempo no mar, elas têm dificuldade para se equilibrar na areia molhada.

Os homens que lidam com as mercadorias, suados e queimados de sol, vão largando o trabalho e observando-as. Na praia ao redor há caixas, vacas, negros magros e acorrentados.

O padre se aproxima com um passo manco, lento e cadenciado.

Maria vai tocando as meninas como ovelhas até o padre.

MARIA
Vamos! Cha! Cha! Cha!

Maria beija a mão do padre.

JESUÍTA
Tão poucas... podiam ter vindo mais...!

MARIA
Eram sete... uma caiu ao mar.²

O Jesuíta suspira, desgostoso.

7 ESTRADINHA, VILA E PATIO - CASA GENTIAS EXT/DIA

As meninas vão seguindo pela estradinha, cada uma levando seu saco de pano, seguindo o padre e a Velha.

Aproximando-se da cidade, espantam-se ao ver o chão de terra, as casas rústicas. Atravessam pequeno córrego de detritos e vêm a igreja.

Alguns homens trabalham nos quintais: marceneiros, pedreiros. Todos observam as meninas, interessados.

O Jesuíta caminha devagar, mancando.

Maria abre o saco que traz consigo. Retira de dentro uma carta com o lacre da Rainha, e a entrega ao padre.

O Jesuíta observa o lacre. Toca-o com a ponta dos dedos.

As meninas vêm um índio nu. As mais novas cochicham num grupinho:

TAREJA
(baixo, a Urraca)
Vês alguma dama? Será verdade que não há mulheres aqui?

² OBS: Na tradução dos diálogos, algumas falas foram excluídas. No texto elas aparecem sem a versão para o português arcaico.

Non vejo nemigalha de dona. Será de verdade nam haver donas acá?

URRACA

Imagina! Quem haveria de parir?
Coma pode! Quem aramá havia de parir?

TAREJA

Os homens, por ordem de Deus.
Os homens, em Deus mandando.

BERNARDINHA

(rindo)

E por onde parem os homens?
E per que modo parem os homens?

TAREJA

(ingênua)

Pelos sovacos... no braço direito, os machos. No esquerdo, as fêmeas.
Polos sobacos... polo destro, os mininos. Polo sestro, as mininas...

Bernardinha, Pollonia e Urraca riem.

MARIA

Shhh... Silêncio!
Shhh... Seênço!

JESUÍTA

(para Maria)

Estão bem de saúde?
Son bem de saúde?

MARIA

Bem, graças a Deus.
Bem, deo gratias.

JESUÍTA

E esta atrás de mim? Parece abatida...
E êsta de trás mi? Semelha fraca...

MARIA

Dona Oribela chorou dia e noite no primeiro mês de viagem.
Dona Oribela bem choirou dia e noite en no primeiro mês da nostra viagem.

O padre observa Oribela secamente.

Oribela segue quieta, no trote manco do Jesuíta. Chegam ao pátio da casa das gentias. Um grupo de índias sujas está sentado à entrada da casa.

8 CASA DAS GENTIAS, DORMITÓRIO INT/DIA

Quarto amplo e rústico, chão de terra batida, paredes de barro. O lugar é cruzado por redes de dormir. As meninas instalam suas coisas cochichando. Giralda olha as redes com desdém.

O Jesuíta, meio de canto, abre a carta da Rainha. Começa a ler.

Oribela arruma suas coisas em silêncio.

O Jesuíta termina de ler a carta, e olha Maria com censura.

Vai até ela.

JESUÍTA

Pelo que diz aqui, estás desterrada por tua ofensa ao pudor...

Polo que é poesto acá, foste desterrada por onfensão ò pudor...

Maria ouve as palavras do padre com o orgulho ferido, e baixa a cabeça.

O Jesuíta observa novamente as meninas. Suspira.

JESUÍTA

Verás que nem tudo nesta terra é penitência, ainda que vieste para cumpri-la...

Hás hi ver que ne todo en nêsta terra é penitença, aum que veeste em prol de compri-la.

As palavras do Jesuíta chamam a atenção de Oribela. Sobre a imagem de seu rosto, segue o diálogo entre o padre e Maria:

MARIA (OFF)

Deus tudo perdoa, padre.

Deus nunca non perdõa, padre.

JESUÍTA (OFF)

Desde que não abusemos de sua confiança...

Des que nam abuses de sa confiança.

As meninas vão instalando suas coisas e cochichando.

9 CASA DAS GENTIAS, DORMITÓRIO INT/NOITE

Oribela, com o rosto voltado para a parede, reza baixo:

ORIBELA

Entrarei no altar de Deus... Deus que alegra minha juventude... Deus, Deus meu...

Salve Regina mater misericordiae, vita dulcedo et spes nostra salve. Ad te clamamus, exulses filii Evae, ad te suspiramus gementes et flentes in hac lacrimarum valle.

As outras meninas e Maria dormem nas redes.

Maria desperta. Vê Oribela no fundo do quarto.

Oribela reza sentida, um pouco mais alto.

ORIBELA

Deus que fez o Céu e a Terra...

Que hei de louvar como meu salvador...

*Eia ergo advocata nostra illos tuos misericordes oculos
ad nos converte et Iesum benedictum fructum ventris tui
nobis post hoc exilium ostende, O clemens, O pia, O
dulcis Virgo Maria.*

MARIA (OFF)

Vem dormir...!

Vai pera cama...!

A menina continua rezando, concentrada.

ORIBELA

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende
piedade de nós...

Maria nota que ela está ajoelhada sobre pedras, que machucam sua pele.

A velha levanta irritada. Aproxima-se de Oribela com expressão severa.

MARIA

(baixo, brava)

Basta!

Oribela não se move.

Maria faz um gesto ríspido, mandando que volte à rede.

ORIBELA

(nervosa)

Estou rezando...!

Maria puxa o braço dela com força. Oribela resiste.

A velha puxa novamente, Oribela é forçada a levantar.

Maria se agacha e ergue seu vestido. Vê os joelhos machucados pelas pedras.

MARIA

(amarga)

Sofrer à toa é pretensão...

Cospe na mão e esfrega as feridas com saliva.

ORIBELA

(chorando, nervosa)

Maria... fale com o padre que me mandem a um
convento... por favor...

Maria... roga ò padre que ele me torne ò convento... par deus...

MARIA
(brava)

Não tenho mão que me segure, não posso segurar-te a ti.
Non hei mão que me empare, nam posso eu emparar-te a ti.

As outras meninas começam a se mexer, incomodadas com o barulho.

Maria arruma o vestido de Oribela, e levanta. Passa a mão em sua cabeça.

Oribela baixa o rosto.

ORIBELA

Se Deus me põe em más companhias... tenho medo de perder o pouco de virtude que ainda tenho...
Se Deus me pon em má companha... hei medo de perder o poico de vertude que ainda hei...

MARIA
(amarga)

O demônio nos tenta, fazendo-nos crer que temos virtudes que não temos...
O demoino nos pon em tentazão, fazendo creer que hemos vertudes que non hemos nemigalha...

Maria fica um instante em silêncio.

MARIA
Vai dormir.

10 CASA DAS GENTIAS, QUINTAL CERCADO EXT/DIA

Dia claro, sol forte. As meninas estão com os cabelos soltos, mergulhadas em tinas d'água, tomando banho. Índias as esfregam sobre as camisas de baixo.

Estão alegres. Tareja espirra água sobre Giralda. Giralda leva um susto, e ri. Urraca e as outras meninas também riem.

Maria, em pé, controla tudo.

BERNARDINHA
Maria, por que não te lavas...?
Maria, per que nam te lavas...?

MARIA
Velhas só lavam o rosto.
Ancianas só lavam o rosto.

De repente entra uma mulher branca, com pose de fidalga, roupas de tecido fino, golas bordadas e jóias.

As meninas olham apreensivas.

DONA BRITES
(alto, sorrindo)
Onde estão minhas flores?
U são inhas froles?

A mulher circunda as bacias, com o sorriso estampado no rosto.

DONA BRITES
São lindas...! Não vou deixar que se casem... quero todas pra mim!
Son fremosas...! Non hi leixarei que casem... queiro totalas pera mi!

Oribela observa Brites, com olhos arregalados.

DONA BRITES
(gesticulando)
Não será ótimo? Iremos à missa! Faremos bordados! A igreja está quase pronta...!
Non haverá seer bom? Havemos ir à missa. Havemos fazer bordados! A eigreja é já caje terminada...!

No canto, uma índia lava as vestes sujas das meninas.

Brites se aproxima de Urraca. Puxa-a pela mão, fazendo com que se levante.

DONA BRITES
(sorrindo)
Como é teu nome?
Coma é to nome?

A camisa molhada de Urraca gruda-lhe ao corpo. Envergonhada, a menina cobre o peito.

URRACA
Urraca... de Oliveira...
Orraca... de Oliveria...

Brites segura o rosto dela e observa melhor.

DONA BRITES
(simpática)
Dá um sorriso, filha...
Faze um sorriso, filha...

Urraca dá um sorriso constrangido. Brites termina de abri-lo com a mão.

DONA BRITES
(observando os dentes da menina)
Bons... bons!
Bons... bons!

Em seguida, Brites mede os quadris da Urraca.

Oribela sente-se incomodada com a cena.

Brites examina os cabelos de Urraca.

Bernardinha e Pollonia se divertem com a situação.

POLLONIA

Senhora... quando vamos conhecer os noivos?

Senhora... cando hemos conhecer os novios?

DONA BRITES

Uf...! Se eu não os segurasse, estariam na bacia com vocês!

Uf...! Em eu leixando, já eles eram enas tinas convosco!

Bernardinha sorri animada.

BERNARDINHA

Quem são?

DONA BRITES

Os principais da terra!

As meninas sorriem, excitadas.

Oribela nota Urraca, cabisbaixa em sua tina. Compadecida pela amiga, Oribela protege o corpo com os braços (tem uma faixa de pano amarrada ao tronco pra esconder os seios).

DONA BRITES

(para Oribela)

Que tens, minha flor? Por que estás amofinada?

Que te passa, inha fror? Per que rezão do zango?

Maria se interpõe:

MARIA

Dona Oribela foi um tanto afetada pelo clima.

Dona Oribela anda mal pola temperatura.

DONA BRITES

(rindo)

Passará... Com o casamento, se não!

Passará... Em ela casando, se non!

MARIA (OFF, sobre o rosto de Oribela)

A menina é religiosa... Se pudésseis ter a atenção de lhe encontrar um esposo devoto...

A minina veeo do mostêrio. É atam beata... Se poderas fazer a mercê de lhe haver um espôso devoto...

DONA BRITES

(divertida)

Se encontrar algum, entre os homens desta terra...!

Em tu achando algun, antre os homens de êsta terra...!

Maria baixa o rosto, em sinal de respeito.

DONA BRITES
(brincalhona)

Mas não se acanhe... Casar é leve! É viver segundo o capricho dos homens: não fungar com força, que é desconfiança, não morder o beijo, que é raiva... E por fim: o último a deitar à noite, é o primeiro que morre!
Mas non deis rem... O casar é leve! É viver conforma o queirer dos homens: nam cheirar com muita força que faze desconfiança, ne morder o beijo que é rábia... E per a fim: quem de último deita é o que de primeiro vai a morrer!

11 CASA DA CÂMARA, CORREDOR INT/DIA

As meninas, com as vestes limpas, cabelos cobertos por véus, estão sentadas num longo banco encostado à parede, em frente a uma grande porta entreaberta.

Em pé ao lado está Maria, sempre séria.

Ao seu lado Dona Brites, num novo vestido.

As meninas tentam espiar pela fresta da porta, mas só vêem um homem feioso, em roupas ricas mas mal-ajambradas, sentado sobre pequena tribuna. É o GOVERNADOR.

Dona Brites suspira:

DONA BRITES
(para Maria)

Meu pobre esposo... Como sofre a impor ordem nesta gente...!
Mo pobre marido... Coma sofre ele em pondo ordem nêsta gente...!

Oribela também olha a fresta, sentada na ponta do banco.

De seu ponto de vista, pode ver a figura de um homem ruivo de 40 anos, um pouco gordo, expressão envelhecida e enigmática. É XIMENO.

12 CASA DA CÂMARA, SALA DE AUDIÊNCIAS INT/DIA

Do ponto de vista de Oribela, Ximeno discute com os índios.

ÍNDIO 1
(ameaçador)

Turusu xe nharō a'e-ramo, karaí akā ixé 'é ba'e.³
(Assim eu fico bravo mesmo, a cabeça dos brancos é minha.)

XIMENO

E-juká-umë apyaba. Tubixá o-îetanō-potar nde resé.
(Não mates os homens. O Governador quer te presentear).

³ Essas falas aparecem no filme sem legendas, pois não podem ser compreendidas pela personagem Oribela

ÍNDIO 2

(bravo)

A'an-i. Nd'oro-gueru-i karaí i guabo-te.
(*Não mesmo, não vamos trazer os brancos, e sim comê-los.*)

13 CASA DA CÂMARA, CORREDOR INT/DIA

Oribela, no corredor, fica impressionada com a aparência e a língua estranha que Ximeno fala. Interessada, e ao mesmo tempo vexada, ela não sabe se olha, se baixa o rosto.

Bernardinha estranha.

BERNARDINHA

Que tens... ?

Que há...?

Oribela se assusta, como se fosse pega em um ato condenável. Baixa a cabeça.

Maria olha Oribela, apreensiva.

Nisso aparece o Jesuíta, saindo da porta entreaberta.

Olha as meninas, e faz um gesto a Brites:

JESUÍTA

Vinde, vinde!

Vinde em boa hora! Vinde!

14 CASA DA CÂMARA, SALA DE AUDIÊNCIAS INT/DIA

O Jesuíta, Maria e as meninas entram na sala, e seguem em fileira a uma das arquibancadas ao fundo, onde estão sentados marujos, carregadores e comerciantes.

No centro do recinto, estão dois índios tupinambá, nus, com a pele riscada de cicatrizes. Ximeno está ao lado.

ÍNDIO 1

Pe'ë tupinakyî îekotyasaba.
(*Vocês são aliados dos tupiniquins.*)

ÍNDIO 2

Anhenté. Pe îekotyasaba tupinakyî, oré anama apiti-sara i gûara-bé.
(*É verdade. Vocês são amigos dos tupiniquins, os que trucidaram e comeram nossa família.*)

Um dos índios usa um gorro europeu. Ximeno tenta tirá-lo. O índio faz um meneio afastando a cabeça.

XIMENO

E-î-pysyrõ abá maran-e'yma resé.
(*Liberte os homens em nome da paz.*)

As meninas olham assustadas, enquanto sentam no local indicado pelo Jesuíta.

Dona Brites, com toda pose, segue até a tribuna do Governador.

GOVERNADOR

(a Ximeno, cansado)

Peça que apenas nos mostrem os prisioneiros brancos...
Se forem franceses, devolvemos a eles.
*Pida que monstrem os prisioneiros brancos.. Em eles
sendo franceses, lhos devolvemos.*

XIMENO

(para o índio)

O-s-epiá-potar-‘i pe’ë mu’ambaguera. A’e maíra-ramo,
aé o-î-me’eng pe’ë-me-ne.
*(O governador que dar uma olhada nos seus prisioneiros.
Se forem franceses, então ele os devolve para vocês.)*

ÍNDIO 1

(gritando, desafiador)

A’ani-xo’e-ne. T’oro-îuká opá nhë karaí.l gûasem-iré
nd’oro-u’i-amë tobaîara oré r-ekó rupi.
*(Não é assim que vai ser. Vamos matar todos os brancos.
Desde que chegaram não se comem mais inimigos, como
é o nosso costume.)*

Um homem na arquibancada levanta, nervoso:

COMERCIANTE

O que ele disse?
O que ele dixe?

Ximeno traduz, meio confuso:

XIMENO

Vamos matar os brancos... Desde que os brancos
chegaram, não comemos nem a metade de nossos
prisioneiros.
*Vamos a matar los blancos... Des que los blancos aqui
arribaran, no hemos comido ni la mitad de nuestros
prisioneros.*

O Governador suspira novamente. Dona Brites, ao seu lado, dirige a ele um olhar impaciente.

O Governador respira fundo. Faz um gesto a Ximeno, mandando que leve os índios embora.

GOVERNADOR

Senhor Ximeno Dias, aguardai um instante lá fora... Que
os comam... que não comam... (muda de tom) Venham
as órfãs...!
*Senhor Ximeno Dias, leva os negros... Aguardai um
pouquetinho hi foras...*

Ximeno vai tocando os índios pra fora.

XIMENO

Pe nhyrõ tubixá supé. Nd'e'i-katu-î o-nhe'enga orébe ko'yr. T'îa-pyta-'î oká r-ová-î.
(Desculpem o Governador. Ele não pode falar com a gente agora.)

O Jesuíta chama as meninas para o centro da sala.

GOVERNADOR

(cansado)

Seria melhor se El-Rei nos mandasse armas, para nos defendermos...
Milhor era se El-Rey nos mandava armas, pera nossa defesa...

Brites cochicha ao Governador, apressando-o:

GOVERNADOR

Que venham as órfãs!
Traigam as orfãs...! Vamos a ver êstas fermesuras!

DONA BRITES

Os noivos...

GOVERNADOR

Vamos lá... Venham os felizardos!

Das arquibancadas, vão levantando seis portugueses mais bem vestidos que a maioria, mas não muito.

O Jesuíta dispõe as meninas em frente ao Governador.

Elas olham pra os noivos, tímidas. Oribela tem a expressão mais assustada.

Brites cochicha no ouvido do Governador:

DONA BRITES

Chama Cristóvão... O viúvo...!
Cristóvão... O viúvio!

GOVERNADOR

(suspirando)

Adiante... Senhor Cristóvão Borrvalho!
À frente... Senhor Cristóvão Borrvalho!

Um dos noivos levanta prontamente a mão. É um homem de uns 40 anos, feio, com a barba comprida e desgrenhada.

GOVERNADOR

Dona Tareja de Sande.
Dona Tareja de Sande.

O homem fica olhando as meninas, sem saber qual é Tareja. Ela dá um passinho à frente. Lourenço faz um gesto de aproximação, animado.

Brites aponta um outro homem, discretamente, ao Governador.

GOVERNADOR
Senhor Vaz Sermento!
Senhor Vaz Sermento!

Outro noivo se apresenta - feioso e com uma das orelhas cortadas.

GOVERNADOR
Dona Urraca Silveira.
Dona Orraca Silvêria.

Urraca nota a orelha cortada, chocada. Sermento se aproxima, orgulhoso.

Brites sorri, relaxada. Aponta um velho rico e gordo.

GOVERNADOR
Dom Alfonso Soares Daragão!
Dom Alfonso Soares Daragão!

O homem tem um grande crucifixo de pedras preciosas pendurado no peito.

GOVERNADOR
(orgulhoso)
Dona Oribela de Covilhã.
Dona Oribela de Covilhã.

Alfonso se aproxima de Oribela, satisfeito.

Ela olha a cruz de ouro e pedras preciosas.

Alfonso vai até ela e dá um sorriso.

Oribela se retrai, cada vez mais temerosa.

Alfonso, risonho, toca o canto da boca dela, tentando fazê-la sorrir.

Oribela se afasta como um gato acuado. Alfonso estende a mão e tenta acariciar a bochecha dela. Encurralada, agressiva, ela dá uma cuspidinha na cara dele.

Alfonso se afasta.

ALFONSO
(limpando o cuspe)
Que é isso, padre? Não vieram de um mosteiro?!
Que é êsto, padre? Nam veerom de um monstêrio?!

Há um rebuliço entre os homens. Brites dirige olhar surpreso e ofendido a Maria. As outras meninas ficam escandalizadas.

DONA BRITES
O que é isso?? Tirem esta menina da sala!

O que é êsso? Saquem êssa rapariga foras de acó!

Oribela fica imóvel.

Maria se aproxima dela, assustada:

MARIA
(baixo)
Pede perdão...!
Alpida perdão...!

GOVERNADOR
(indignado)
De onde saiu esta criatura? Já temos selvagens demais...!
Devolvam-na a Portugal, pelo amor de Deus!
Onde saiu êssa minina? Já hemos selvagens abondo...!
Mandem-na pera Portugal de volta, par Deus!

15 CASA DA CÂMARA, CORREDOR INT/DIA

Sentada no banco longo, Maria bate nas mãos de Oribela com uma palmatória. A menina conta as palmadas, em pé à sua frente.

ORIBELA
(contraíndo o rosto pra não chorar)
Sete...
Sete...

MARIA
Feito uma galinha, que quer avoar e não pode... (bate outra vez) Que besta tu és...
*Egual modo ua galinha, queire avoar e nam pode...
Aramá besta tu és...*

Oribela engole a dor. Maria continua batendo, rígida e maternal, como se também sofresse com o castigo. Sentados no chão, estão os índios da audiência.

MARIA
(batendo)
Bem pintada e mal lograda...
Bem pintada e mal lograda...

ORIBELA
(baixo)
Oito...
Oito...

Os olhos de Oribela estão úmidos de dor, mas ela se segura pra não chorar.

Pela porta, aparece Dona Brites, que vigia o castigo de longe.

Maria bate outra vez.

Ximeno está ao lado de Maria, vigiando os índios. Ele observa Oribela com interesse quieto.

ORIBELA

Nove... Estás me machucando!
Nove... Me feres! Ai eu!

MARIA

Guarda tuas misérias como secretas.
Seênço! Segreda tas lazeiras em ti.

ORIBELA

(indicando as mãos feridas)

Olha...!
Olha...!

MARIA

Cala-te!

As mãos de Oribela estão a ponto de sangrar.

A velha deixa a palmatória no banco. Oribela observa suas mãos vermelhas.

Ximeno, num gesto inconsciente e simétrico, abre suas mãos e observa a si mesmo (sua própria mão).

Oribela nota.

Maria pega um cantil, e lava os ferimentos de Oribela, nervosa.

MARIA

Nem um bêbado vai te querer.
Ne um bêbado vai te queirer.

ORIBELA

(impressionada com a imagem de Ximeno)

Talvez me mandem ao Reino.
Samicas me tornem ò reino.

MARIA

O Reino já não existe pra ti.
Já nam há reino pera ti.

ORIBELA

(olhando as mãos)

Como vou comer...?!

Maria deixa o cantil de lado, olhando de relance os índios.

MARIA

(amarga)

Espero que ainda encontres o que comer...

ESCURECIMENTO

16 VILA EXT/DIA

Pela rua principal vem o cortejo das noivas: na frente um tambor batendo o ritmo e uma flauta torta. Jesuíta e Maria, depois as meninas, em seguida alguns padres jovens, índias, crianças. O povo festeja.

As meninas estão mais enfeitadas, com véus e tiaras, mas tudo parece precário.

O sol está forte. A gente da cidade assiste à passagem do cortejo.

Oribela segue no meio do grupo, com as mãos envoltas numa leve bandagem.

Está nervosa, ansiosa.

17 IGREJA EM CONSTRUÇÃO INT/DIA

O Jesuíta se ajeita no altar com poucos ornamentos: um lampadário de prata, um santo de madeira.

Os seis pares de noivos estão enfileirados à sua frente. Em primeiro, Pollonia e um homem de aparência rica. Em seguida, Alfonso e Tareja.

A igreja não tem bancos. Dona Brites, o Governador e alguns portugueses assistem ao casamento de pé. Do lado de fora, índios e escravos espiam.

JESUÍTA

Dê a mulher a mão a seu noivo...

Dê a mulher a mão à sua noiva...

O homem rico estende a mão a Pollonia. A voz do Jesuíta segue em OFF:

JESUÍTA (OFF)

Os esposos têm poder sobre as esposas e suas filhas...

mas que não pequem de luxúria...

Os esposos hão de poder sobralas espōsas e sās filhas...

mas nom pequem da luxúira...

Pollonia, num gesto ritual, apóia a mão sobre a do noivo.

As outras meninas repetem o mesmo gesto.

Oribela, hesitante, toca uma mão grosseira estendida à sua frente. É a mão de FRANCISCO.

JESUÍTA (OFF)

Não tomem como mulheres suas mães ou filhas, nem as mulheres dos vizinhos como suas...

Non tomem coma sās mulheres ne sās mães ne sās filhas,

ne as mulheres dos vezinhos coma suas...

Com o rosto lívido de espanto, Oribela observa seu noivo. É um homem de aparência rude, roupas limpas, mas pele e cabelos maltratados pelo sol.

JESUÍTA (OFF)

... que tenham respeito às filhas das vizinhas e às filhas das filhas... que as chamem todas de filhas...

... que respeitem as filhas das vizinhas e as filhas das filhas... E as chamem todas de filhas...

Francisco percebe o olhar de Oribela. Acaricia a mão dela por sobre o curativo, num gesto inseguro.

O Jesuíta conclui o sermão:

JESUÍTA

*... sejam suas vidas pasmadas pelo matrimônio divino, e façam filhos abençoados com a alvura da pele.
... sejam sás bidas plasmadas polo matrimoino divino, e que façam sos filhos abençoados per o alvor da pele.*

O padre salpica água benta sobre os casais, e faz rapidamente o sinal da cruz.

No coro, um grupo de meninos índios, com cabelos tosquiados e longas roupas de algodão, começa a cantar. É um canto religioso em latim, que as crianças, embora afinadas, cantam com tons estranhos como se sua voz não se adaptasse à escala e à pronúncia das palavras.

18 GALPÃO INT/NOITE

Um galpão amplo e escuro. A porta se abre e entra Francisco, puxando Oribela pela mão.

Pendurados pelas paredes, armas e aparelhos de montaria. No fundo dormem três vacas, alguns burros e cavalos.

Ele vai até um canto, e acende uma lamparina. Oribela fica imóvel, intimidada, observando o lugar. Fora ruídos de festa e fogos de artifício.

Francisco diz, com certa reverência:

FRANCISCO

*Eu vos agradeço muito, Dona Oribela... por terdes vindo tão longe pra me desposar.
Eu vos mui agradeço Dona Oribela... polo virdes de atam longe pera espõsar começo.*

ORIBELA

(com o rosto baixo)

*Quem sois vós?
Quem sodes vós?*

FRANCISCO

*Francisco de Albuquerque. A esposa do Governador mandou me chamar.
Francisco de Alburquerque. A molher do Governador mandou me chamar.*

Oribela nota uma cama improvisada sobre feixes de feno, num canto.

Francisco dá um passo em direção a ela.

FRANCISCO

Se pudesse vos oferecia uma cama verdadeira. Mas não há hospedaria na vila.

Eu gostava de vos ofertar ua cama de verdade. Pero non hi há hospedaria en na vila.

ORIBELA

Onde estão minhas coisas?

Que é de nhas cousas?

FRANCISCO

Juntei com a carga que levo ao engenho.

Cargei com as reses que levo ò engenho.

Francisco se aproxima ainda mais, quase empurrando Oribela em direção à cama. Ela recua.

ORIBELA

Maria irá conosco?

FRANCISCO

Quem?

ORIBELA

A velha, que veio comigo na nau...

FRANCISCO

Levo a vossa mercê, com quem me casei.

Oribela se cala.

Francisco faz um sinal, indicando que ela se deite.

Oribela aproxima-se da cama, desconfiada como um gato arisco. Pega o crucifixo que traz no pulso. Deita de lado, segurando o objeto junto ao peito.

Francisco segura as vestes de Oribela, começa a erguê-las.

Oribela se esquiva, num impulso.

Francisco a larga.

FRANCISCO

Quereis rezar? Eu espero.

Queres rezar? Eu seio esperar.

Oribela se apóia na cama, alerta.

ORIBELA

Não quero. Quero dormir. A viagem me enfraqueceu.

Non queiro rem. Queiro dromir. A viagem me fraqueceu.

FRANCISCO

Deitai-vos, então.

Deita, então.

Francisco segura sua saia novamente.

Oribela pula pra fora da cama. Tenta correr e alcançar a porta.

Francisco a agarra e tenta jogá-la sobre o leito.

Oribela consegue se erguer, e vai se afastando.

Francisco tenta alcançá-la. Ela se esquivava. Ele vai cercando, se aproximando.

ORIBELA

Não vos conheço, senhor... Não tenteis me forçar...
Nam vos conheço, senhor... Nam me forceis!

FRANCISCO

Sou teu esposo.
Sou to marido.

ORIBELA

(recuando)

Dai-me tempo para vos conhecer... para que comece a
estimar-vos...
*Dai-me tempo pera vos conhecer... para que pegue de
estimar-vos.*

Francisco avança de um repente. Oribela fica encurralada contra a cama.

ORIBELA

(começando a ter medo)

Por favor...
Par Deus... Alonga! Axopra! Safa!

Francisco abre a calça, e vai deitando sobre ela.

ORIBELA

(realmente amedrontada, com um fio de voz)

Senhor... irei vos aceitar... mas tende paciência...
Senhor... hei te aceitar... pero havei paciência...

Francisco, curvado sobre Oribela, observa sua expressão infantil e assustada.

Os olhos dela estão úmidos de medo.

De repente, ele se contém. Afasta o corpo dela.

FRANCISCO

Posso esperar um pouco, pra que te acostumes comigo...
Hei esperar um pouco, pera que costumes começo...

Oribela olha assustada o rosto de Francisco suado sobre ela.

ESCURECIMENTO

19 ESTRADA EXT/DIA

Uma estradinha rústica segue entre a mata e um rio.

Mamelucos, mestiços de índio e portugueses, seguem a pé, trazendo às costas cargas, arcos e flechas. Um deles tem arma de fogo, é NAVARRO.

Atrás deles, uma tropa de mulas está carregada de mercadorias: barris de óleo e vinho, sacos de grãos.

Numa outra mula, num assento adaptado, acolchoado e voltado para trás, está Oribela.

Ela vira o corpo pra frente, tentando ver pra onde a comitiva se dirige. Tem dificuldade. Observa então em silêncio os índios que seguem atrás.

Nenhum deles parece notar Oribela.

ORIBELA
(tentando virar-se novamente)

Senhor...
Senhor...

Ela olha a mata.

A vegetação é densa. Soam gritos de aves e macacos.

ORIBELA
(mais alto, gritando)

Senhor...!
Senhor...!

Francisco, montado a cavalo, com uma faca e uma algibeira na cinta, vigia atento as mercadorias, os homens, a mata.

Ao ouvir o chamado de Oribela, ele retarda seu cavalo e espera a comitiva passar, até ser alcançado pela mulher.

ORIBELA
Senhor... aonde vamos...? Não se avista o mar...
Senhor... pera u vamos...? Já nam vejo a mar...

FRANCISCO
Shhh... Fecha a boca. Não faça barulho.
Shhh... Cala ta boca. Non berulhes. É cerca.

Oribela se cala. Olha a mata.

Árvores e mais árvores, o ruído das folhas, e dos animais.

Oribela segue em silêncio, desamparada.

20 PÁTIO E CASA DA FAZENDA EXT/ENTARDECER

Está quase escuro, pouca coisa é visível. Os ruídos sugerem que a comitiva de Francisco chega ao pátio da fazenda.

Uma mulher branca e velha, idade indefinida, está parada à porta de uma grande casa de taipa. É DONA BRANCA. Ela segura uma luminária com a mão esquerda. Cães latem à sua volta.

Francisco e Oribela vêm na direção da casa. Oribela traz, abraçado ao corpo, o saco com suas coisas.

Dona Branca ergue a luminária, e a observa.

FRANCISCO
Dona Oribela... minha mãe.
Dona Oribela... inha mãe.

Oribela faz uma medida seca.

Branca a observa de cima a baixo, e entrega a luminária a Francisco.

21 CASA DA FAZENDA, COZINHA E CÔMODOS INT/NOITE

Oribela entra na casa, seguindo Branca e Francisco.
Está escuro, e só se vê um fogão, ao fundo, onde uma índia com seios nus prepara comida.
Andando pelo chão há vultos de pequenos animais, galinhas, papagaios.

BRANCA
(a Francisco)
Tens fome?
Hás de fome?

Francisco inquire Oribela com o olhar. Ela balança a cabeça negativamente.

Francisco segue para o outro cômodo. Oribela vai atrás.

Dona Branca fica na cozinha, observando os dois.

Francisco e Oribela vão entrando pela casa, passando por vários cômodos que se encadeiam sem corredor. Tudo é escuro e rústico. Os dois caminham em silêncio, vendo somente o que é iluminado pela luminária dele.

São depósitos com barris, sacas, animais.

Oribela observa tudo.

De repente entram num cômodo diferente: as paredes têm reboco, a cama está coberta por uma colcha de seda, há um toucador com um espelho.

A luminária de Francisco ilumina uma menina de 12 anos, bem vestida como uma boneca, que brinca sobre a cama.

É VILIGANDA. Ela devolve a Oribela um olhar fundo - tem olhos arregalados, com Síndrome de Down.

Oribela olha assustada a menina que brinca no escuro.

Francisco nota. Faz um gesto brusco pra que Oribela se apresse.

Oribela apressa o passo, e alcança Francisco.

Chegam a um quarto sem ornamentos, com caixas e baús encostados às paredes, e uma cama de casal no centro.

Francisco ergue a luminária para iluminar melhor.

Oribela observa o lugar, abraçada a seu saco de viagem.

FRANCISCO
Não quereis mesmo comer?
Aduro non queires comer?

ORIBELA
Não.
Aduro.

Francisco sai, deixando Oribela no escuro.

22 CASA DA FAZENDA, COZINHA INT/NOITE

Dona Branca, à mesa, a expressão fechada, come um caldo de peixe, fazendo barulho com a colher. De fora ouve-se o som de pajelança.

Francisco abre uma panela no fogão, e revira o conteúdo com a mão, até encontrar um pedaço de carne. Pega uma cumbuca, e serve a carne pra si.

BRANCA (OFF)
De onde veio a menina?
De u veo a creança?

Dona Branca segue comendo.

FRANCISCO (OFF)
Covilhã.
Covilhã.

Francisco se afasta do fogão.

BRANCA (OFF)
O dote?
O dote?

Francisco chega à mesa, senta, e começa a comer.

Branca aguarda a resposta sem demonstrar muito interesse.

FRANCISCO (OFF)
Três vacas.
Três bacas.

Branca fica um tempo calada, observando o filho.

Francisco ergue os olhos do prato.

BRANCA (OFF)
Não havia outra?
Non hi havia outrem?

Branca lambe os dedos.

BRANCA
Mais gorda? Com quadris maiores?
Chus gorda? De anca maior? Chus ancuda?

Francisco continua comendo, sem ligar para ela.

FRANCISCO
(seco)
Gostei desta.
Tomei gosto dêsta.

23 CASA DA FAZENDA, QUARTO DE FRANCISCO INT/NOITE

Francisco entra no quarto. Oribela está encolhida num canto da cama.

Ele a observa por um instante. Lá fora segue o som da pajelança.

Em seguida, pega uma rede indígena. Arma no canto do quarto, e deita.

24 CASA DA FAZENDA, CORREDOR INT/DIA

Dia claro.

Oribela atravessa os cômodos, ainda sonolenta, tentando achar seu caminho até a cozinha.

Estranhamente, não há ninguém à vista.

Ela prossegue, reconhecendo o lugar.

Chega ao quarto enfeitado, com a cama e o toucador. O grande espelho chama sua atenção.

Como se o objeto lhe seduzisse e pusesse medo, ela passa reto, e segue para o cômodo adiante.

25 CASA DA FAZENDA, COZINHA INT/DIA

A cozinha também está vazia.

Somente uma índia jovem, TEMERICÔ, está junto à mesa. Ela corta pedaços de fruta, preparando uma geléia.

Oribela se aproxima e a surpreende com a boca cheia de comida.
A índia olha pra ela assustada e volta ao trabalho.

Oribela afasta-se da mesa, hesitante. Dirige-se à porta, de onde vem um sol forte e ofuscante.

Ela pára à porta, e observa o exterior.

De repente surge uma voz do fundo da cozinha:

BRANCA (OFF)
Dona Oribela...?
Dona Oribela...?

Oribela volta-se pra dentro.

Dona Branca surge do fundo do cômodo, aproximando-se.

ORIBELA
(num susto)
Sua benção, Dona Branca.
Sa benção, dona.

BRANCA
Demoraste a acordar.
Espertaste de moras.

Branca pára ao lado da índia Temericô, e observa a maneira como esta corta as frutas.

BRANCA
(para Oribela, fria)
É tarde... dormiste bem?
É já tarde... Drumiste bem?

ORIBELA
Dormi.
Drumi.

Branca a observa.

BRANCA
Não sofreste com o calor?
Non sufriste do calor?

ORIBELA
Não.
Nulha rem.

BRANCA
Não?
Non?

ORIBELA
(levemente desconcertada)
Acostumei com a temperatura, no navio.
Costumei do calor dentro na nau.

Branca continua a observá-la, em silêncio.

BRANCA
Tens roupa para a noite?
Hás de roupa pera a noite?

Oribela olha nos olhos de Branca, intrigada.

ORIBELA
Sempre dormi com as mesmas roupas, Senhora.
Semper dromi nas medesmas roupas, senhor.

Soam passos da porta. Entra Francisco, vindo do pátio.

Dona Branca subitamente muda de expressão. Fica mais sociável, cordial.

BRANCA
Assenta-te, Dona Oribela... Sabes que nesta casa és recebida como filha...
Achenta-te, Dona Oribela... Sábias que dentro en casa nossa és recebuda igual modo filha...

Francisco olha a mãe, desconfiado.

Em seguida olha Oribela, que está meio intimidada com a situação.

DONA BRANCA
Francisco sempre me foi muito bom filho... enjeitou muitas mulheres para que eu não ficasse desamparada...
Francisco é muito bom filho... enjeitou abondas mulheres... Non leixava-mi desguarecida...

FRANCISCO
(seco)
Bons dias, Dona Oribela.
Bom dia, Dona Oribela.

ORIBELA
(baixando a cabeça em sinal de respeito)
Bom dia.
Bom dia.

FRANCISCO
(ainda seco, indicando o pátio)
Venha.
Em boa hora! Vem.

26 PÁTIO DA FAZENDA EXT/DIA

Francisco levanta Oribela pela cintura, e a faz sentar num asno selado. Ela fica com as duas pernas para o mesmo lado, à maneira feminina.

O sol está forte.

O pátio é grande e vazio. Em volta, três ou quatro construções simples: o galpão dos escravos, o curral, as casas da moenda.

Francisco puxa a rédea do asno, e conduz Oribela pelo pátio, circulando o terreno.

FRANCISCO

Dona Brites me informou que teu pai era mercador, e que nasceste em Covilhã...
Dona Brites dixे que to pai fui mercador, e que veeste de Covilhã...

Oribela faz um sinal com a cabeça, confirmando.

FRANCISCO

Terás que te acostumar com a vida no sertão.
Milhor te costumar com a vida acó.

Oribela não diz nada. Puxa o véu que cobre seus cabelos, protegendo os olhos contra o sol. Os dois seguem rodando - ela no asno, Francisco conduzindo a pé.

Os índios e mestiços que trabalham na fazenda a observam, curiosos.

FRANCISCO

Que fizeste ao teu primeiro noivo?
Que acaeceu a to primeiro novio?

ORIBELA

Não disseram?
O nam dixeram?

FRANCISCO

Não perguntei.
Non quise saber.

Oribela fica em silêncio.

FRANCISCO

Te entregaram a mim como resto. Como algo que ninguém queria.
Te ofertaram a mi como restolho. Coma rem que ninguém non quiria.

Ela se sente desconfortável na situação, exposta aos olhares, sob sol forte e seguida insistentemente pela menina deficiente.

ORIBELA

Não sou resto.
Nam sou restolho.

Francisco demora a responder.

FRANCISCO

Eu soube, assim que te vi.
Eu sube, cando te vi.

Continuam andando.

Oribela vê crianças mestiças que brincam na terra.

O lugar é rústico e sujo. Galinhas e cachorros andam pelo chão.

FRANCISCO

Com o tempo ficará mais decente. Farei construir uma casa maior.

Farei constroir ua cas maior. Há ser chus melhor.

Oribela olha pra ele - examina sua aparência, seu rosto, seu corpo.

ORIBELA

Senhor, há quanto tempo estás aqui?

Senhor, fage tempo que andas acá?

FRANCISCO

Quinze anos.

Quinze anos.

ORIBELA

Pensas ficar para sempre? Nunca mais voltar?

Francisco faz uma pausa.

FRANCISCO

(seco)

Sei quanto vale o dinheiro. Em alguma parte é preciso buscá-lo.

Conhoço o dieiro. E omem precisa caçá-lo.

Os dois passam pelas casas do engenho. O lugar não tem paredes. Podem se ver as caldeiras, onde índias trabalham nos tachos quentes de melado. Dos tachos sobe muito vapor.

Oribela observa tudo.

Há uma carroça cheia de cana, que os índios vão descarregando aos feixes.

Oribela olha os índios, séria.

FRANCISCO

Não precisas te preocupar com o que está aqui fora.

Ficarás em casa... Mandarei vir móveis e tecidos para ti.

Non dêš rem polo que é cá fora. Ficarás em cas... Harei veir movília e panos pera ti.

Oribela fica um instante em silêncio.

Os dois seguem no círculo do pátio.

Francisco chega com Oribela à caixaria, anexo ao engenho onde são feitos cestos e caixas para o transporte dos pães de açúcar. Dona Branca orienta e controla a produção das índias. Ao ver Francisco, Branca diz seca.

BRANCA
Trouxeste pouco trigo.

Francisco sem dar muita atenção.

FRANCISCO
Estava caro.

Oribela nota um movimento nos pés de Branca. Olha.

A menina Viliganda está sentada no chão de terra, agarrada ao vestido da mãe. Ao notar o olhar de Oribela, deita e se enrola nos pés de Branca, como um animalzinho.

BRANCA
(incomodada, mas fingindo não sentir o movimento de Viliganda)
O que temos está acabando, só temos um saco.

FRANCISCO
Use mandioca.

Branca engole o desaforo e sorri para Oribela.

BRANCA
A nau ainda está ancorada? Não podias encomendar um pouco mais de trigo?

Francisco fica levemente irritado com a mãe.

FRANCISCO
Trouxe vacas e uma esposa. É suficiente.

Oribela observa a menina, cuja presença incomoda.

BRANCA
Suficiente pra quê?

Oribela observa os dois desconfortável.

28 CASA DA FAZENDA, QUARTO DE FRANCISCO INT/NOITE

Francisco observa Oribela na cama da rede em que está sentado. Pode vê-la apenas de costas.

Oribela dorme.

Ele começa a tirar as botinas, fazendo barulho.

Abre mais a rede, na intenção de deitar. Interrompe o movimento.

Oribela abre os olhos assustada. Não se volta para ele. Fecha os olhos.

Francisco se aproxima lentamente. Deita ao lado dela.

A camisa de baixo, com gola decotada, deixa o pescoço de Oribela à mostra.

Ela permanece de olhos fechados, fingindo que dorme.

FRANCISCO
(baixo)
Oribela...

Ela não responde.

FRANCISCO
Ouço tua respiração... Não consegues dormir...?
Oiço ta aspiração... Te pesa drumir?

Francisco passa o braço sobre o corpo dela.

Oribela quieta.

FRANCISCO
Tens boa saúde? O ar é bom para o fôlego...
Hás bõa saúde? O crima é bom pera o folgo...

ORIBELA
(sem se voltar para ele)
Minha saúde é boa.
Inha saúde nam é bõa.

Francisco a observa, o movimento de sua respiração.

Oribela levanta o rosto, como se fosse sentar na cama.

ORIBELA
Por que Dona Branca ficou nervosa, quando olhei a
criança?
*Per que Dona Branca pegou de jeriza, cando mirei a
creança?*

FRANCISCO
Viliganda é minha irmã. (pausa) Ela sente vergonha dos
defeitos da menina.
*Viliganda é inha ermã. Ela há vergonha de a minina seer
torta.*

Francisco começa a acariciar o corpo de Oribela. Toca-a. Sente-a.

Oribela não reage. Por um momento, não sabemos se ela aceita a carícia ou não.

De repente, ela treme, num espasmo, e tem um ataque de tosse seca e nervosa.

Francisco a observa assustado.

Oribela está quase se engasgando, vermelha, os olhos lacrimejando.

Francisco a deixa livre, com expressão enojada, e sai da cama.

Pelo portão da fazenda, entra Ximeno com sua tropa de jegues com grandes tachos de cobre, cheia de panelas, espelhos e contas pendurados nas laterais. Atrás, seis índios nus, a pé. Um negro alto segue por último, vigiando os prisioneiros.

Os cabelos de Ximeno, ruivos, brilham à luz do sol.

Os cães latem.

Francisco aparece, vindo do engenho.

Ximeno desce do animal, fazendo um breve cumprimento.

XIMENO
Ôô, Francisco...

Francisco devolve o cumprimento.

FRANCISCO
Ximeno Dias...!

Ximeno se apruma, esticando as costas e estalando os dedos.

XIMENO
Dois dias de marcha, e já me dói o corpo todo...
He caminado solo dos días y ya me duelem las piernas...

Francisco se aproxima dos índios, observando.

FRANCISCO
Que são?
Carajás?

XIMENO
Goirês.
Guarus.

Francisco examina seus braços e coxas.

FRANCISCO
São poucos...
Son poucos...

Ximeno enxuga a testa, cansado pelo calor.

XIMENO
Está difícil negociar... Recusam as panelas... Querem comê-los, não vendê-los...
No anda lieve tratar con eyos. Ya no quieren las vasiyas... Quieren comelos, no vendelos...

Francisco sorri, meio irônico. Passa a examinar os tachos de cobre da carroça.

FRANCISCO

Não aceitam panelas, mas entendem a pólvora.
Non queirem vasilhas, mas conhecem a polvra.

XIMENO

É a língua geral...
És la lengoa general.

30 CASA DA FAZENDA, QUARTO BRANCA/PÁTIO INT-EXT/DIA

Dona Branca está junto ao tocador, observando pela janela o que acontece no pátio.

Oribela se aproxima, vinda do interior da casa.

Ela observa o que Branca está olhando. Seus olhos se alteram ao ver Ximeno. Ela pergunta com interesse hesitante:

ORIBELA

Quem é?

BRANCA

(desprezando)

Gente da nação... Batizada em pé...

Branca, sem interesse, volta-se para o tocador.

Oribela continua à janela, observando Ximeno.

31 CASA DA FAZENDA, COZINHA INT/DIA

Branca está sentada numa cadeira ao canto do cômodo, examinando os cabelos de Viliganda como à caça de piolhos. Oribela está em pé, ao seu lado.

Francisco e Ximeno estão à mesa. Há canecas de vinho. Ximeno mostra contas e tesouras estendidas entre os dois.

XIMENO

Tudo isso, antigamente, me valia uns dois ou três homens... Agora não querem mais. Desconfiam de tudo.
Todo êsto, antaño, mi valia dos u tres hombres. Ahora ya no quieren nonada. Deconfian de todo.

Francisco faz um gesto a Oribela.

FRANCISO

Vem aqui...!
Oribela... vem-te.

Antes de se aproximar da mesa, Oribela observa Ximeno. A imagem do homem lhe parece familiar, como se o conhecesse profundamente. Por causa dessa atração, ela tem medo de se aproximar.

Francisco abre sua algibeira, que contém moedas.

FRANCISCO

Escolha alguma coisa, Dona Oribela. Sabes coser? Pega algumas agulhas...

Escolha algo, Dona Oribela. Sabes consturar - serzir? Cata algorrém.

Oribela, hesitante, aproxima-se da mesa. Toca as tesouras e agulhas. Tenta disfarçar o nervosismo.

Ximeno também parece afetado pela presença dela. Recolhe as mãos, que estavam em cima da mesa, e diz num tom mais grave:

XIMENO

Não sei quanto tempo agüento esta terra. Talvez vá para os Açores... (pausa) Soube que têm uma nova moenda: três paus no alto, a roda d'água no meio...

Tal vez me vo a los Açores... Ayá hay una mueva molenda: con tres palos en alto...

FRANCISCO

Três paus?

Três paus?

XIMENO

Chamam de entrosas. Diz que a cana passa duas vezes.

Si, la caña pasa dos vezes.

Francisco faz expressão interessada.

Oribela separa uma agulha e uma tesoura, e mantém a cabeça baixa.

ORIBELA

(tímida)

Estas.

Aquêstas.

FRANCISCO

(a Ximeno)

Quanto é?

Quanto vale?

XIMENO

(olhando Oribela de relance, quase com medo)

Ficam de presente. Pelo tacho.

Quedan de regalo.

Oribela sente o olhar, constrangida.

FRANCISCO

Se fores mesmo aos Açores, poderíamos fazer um trato...

Me trazes o desenho da obra... Mais homens...

XIMENO

Se eu for, não é pra voltar... (olha Oribela)

Oribela está cada vez mais tensa.

FRANCISCO
(a Ximeno)

Já foste à aldeia onde estão os prisioneiros brancos? Se atacássemos... poderíamos declarar guerra justa.

Ximeno ouve, mas não se anima. Coloca a mão sobre a mesa, pra pegar sua caneca de vinho. Sua mão fica bem próxima de Oribela.

Dona Branca observa, do canto do cômodo.

Oribela dirige-se a Francisco, nervosa:

ORIBELA
Senhor... posso me retirar?
Senhor... posso ir?

Francisco estranha.

Ximeno deixa a caneca, e retira os braços de cima da mesa.

FRANCISCO
(desconfiado)
Que tens?

ORIBELA
Não é nada. Só estou... um pouco fraca.

Branca mantém sobre Oribela um olhar de censura.

Francisco olha Ximeno, intrigado.

Ximeno afasta-se da mesa.

XIMENO
Francisco, preciso ir...

Francisco olha novamente Oribela.

Ela mantém a expressão desconfortável.

32 PORTÃO DA FAZENDA EXT/DIA

Ximeno, o negro e os índios saem pelo portão da fazenda.

A pequena tropa está carregada com pães de açúcar.

33 CASA DA FAZENDA, QUARTO DE FRANCISCO INT/DIA

Francisco entra no quarto, nervoso.

Oribela está na cama.

Ele vai até ela, agarra seu braço com força. Aperta, enciumado.

ORIBELA
Não foi nada! Não fiz nada!
Nulha rem é nada. Nam fije nada!
Non é rem.

Oribela se debate, tentando resistir.

Francisco segura o rosto dela, forçando-a a olhar pra ele.

ORIBELA
Ele ria de mim!
Escarnava de mi!! Era reíndo de mi!!

FRANCISCO
(irado)
O que tinha para rir?
Que havia de reír? Que havia de escarnar?

Oribela vira o rosto, evitando a expressão dele.

Francisco se joga sobre ela e começa a chupar-lhe o pescoço. Oribela o empurra com todas as forças.

Francisco dá um tapa na cara dela. Segura seus braços abertos, enquanto chupa e morde seu rosto, apalpa seus seios.

Oribela tenta afastá-lo com as pernas, mas ele abre as pernas dela com os joelhos, e vai se enfiando com força, vencendo violentamente qualquer resistência.

Francisco finalmente consegue penetrá-la, e faz movimentos bruscos com a virilha.

FRANCISCO
(amargo)
Gente da nação... batizada de pé...
Gente da nação... Bautizada em pé...

Oribela chora de raiva e dor.

34 CASA DA FAZENDA, QUARTO DE FRANCISCO INT/NOITE

Francisco dorme na cama, ao lado de Oribela.

Ela está acordada, deitada de lado, encolhida. Passa a mão entre as pernas. Seus dedos voltam sujos de sangue.

Ela esfrega os dedos na cama, tentando limpar-se, amarga.

35 PÁTIO DA FAZENDA PORTÃO EXT/NOITE

O pátio está escuro e vazio. Um homem de vigia, sentado frente a uma fogueira ao lado do curral, afia estacas de madeira compenetradamente.

Oribela sai da casa, silenciosa, levando seu saquinho de viagem. Caminha vagarosamente, prestando atenção ao guarda no fundo do pátio.

Segue até o portão. Está usando as botinas de Francisco.

Ao fundo o vulto de índio fazendo pajelança.

36 ESTRADA EXT/NOITE

Oribela segue beirando o rio, abraçada ao saco de viagem.

Tem a mesma expressão altiva que exibia na casa da câmara, depois de cuspir em seu primeiro noivo.

O caminho é escuro. Há ruídos dos animais da mata.

Oribela não liga e caminha. Segura a barra da saia, pra deixar as pernas livres. Em voz baixa e determinada, ela canta:

ORIBELA
(como ladainha de igreja)
Vai-te embora ó papão...
Vai-te embora ó papão...

O caminho é longo e Oribela caminha sem parar.

37 ESTRADINHA, VILA E PRAIA EXT/NOITE

Oribela passa pelo mesmo caminho que fez ao chegar.

Está suada e cansada, mas não pára de caminhar.

Ao longe, já se pode ouvir o ruído do mar. Oribela continua andando.

Finalmente, chega à praia.

Sua expressão se ilumina, cheia de esperança.

No mar calmo e escuro, está a nau Patifa, flutuando.

Na praia, junto à água, alguns barcos pequenos.

38 PRAIA, “PORTO” EXT/DIA

Dois marinheiros erguem a lona da vela de dentro de um batel à beira da praia. Um deles é grande, JOSÉ. Outro é pequeno, PEDRO.

Oribela está agachada dentro do barco, abraçada ao saco de viagem. Ela desperta assustada.

JOSÉ
Olha o que eu achei!
Cata a merda que achei!

PEDRO
O que é isso? Espírito danado...!
O que é puta dêsto?

Oribela se levanta assustada.

José age como se fosse ajudar Oribela a sair do bote, e oferece os braços a ela.

ORIBELA
Por favor, senhor... Quero embarcar no navio.
Senhor... Me embarca ena nave.

José continua estendendo a mão. Oribela hesita, mas cede.

José a pega nos braços.

Pedro se apressa em pegar a trouxa.

José sai correndo com Oribela no braço.

PEDRO
(percebendo)
Dá pra mim!
Dá pera mi!

JOSÉ
(afastando-se)
Eu que achei! Eu que achei!
Eu quem achei! Eu quem achei!

José, ao mesmo tempo que a carrega, vai palmeando as coxas da menina.

ORIBELA
(cada vez mais assustada)
Por favor, quero voltar ao reino.
Pera madre Deus, me torna ò reino.

Pedro alcança os dois, com a trouxa.

PEDRO
(ofegante)
Quanto tens?
Quanto tens?

JOSÉ
(para Pedro)
Sai! Sai!
Xopra! Axopra!

José se afasta novamente, Oribela quase em pânico.

JOSÉ
(pondo Oribela no chão)
Quanto tens? Dinheiro!

Quanto tens? Dieiro!

Pedro revira a sacola de Oribela, e grita a José, à distância:

PEDRO
Aqui não tem nada!
Acó non há nonada!

ORIBELA
(chorando)
Não tenho dinheiro. Estou desamparada.
Nam tenho dieiro. Estou desemperada.

Pedro se aproxima.

JOSÉ
O Pedro também está desamparado.
Pedro também é deseparado.

O marinheiro acaricia a cintura dela. Oribela se assusta.

ORIBELA
Por favor...
Alpido-vos...

O marinheiro a abraça e belisca, rindo. O outro se anima e também vai chegando.

Oribela se livra e corre. Os marinheiros correm atrás dela.

Pedro, com o pé, a derruba.

Oribela cai com o rosto na areia. Vira-se, os dois se aproximam.

JOSÉ
(malicioso)
Putinha contrita...
Putinha...

Oribela tenta levantar. José se deita sobre ela, tentando penetra-la por trás. José levanta seu vestido. Oribela grita.

José pega um punhado de areia e enfia em sua boca.

Um terceiro marinheiro aparece na praia. Vê a cena e se aproxima, curioso.

Oribela engasga com a areia, José continua rindo e se esfregando sobre ela, Pedro a segura pelos braços. O marinheiro 3 observa, sorridente.

De repente ele ouve um ruído. Olha pro lado.

A cavalo, pela areia, vêm chegando FRANCISCO, NAVARRO, e um capanga.

O marinheiro 3 chama a atenção de José.

José levanta os olhos e vê Francisco chegando, com uma arma de fogo em punho. Tenta se soltar de Oribela e ficar em pé. Perde o apoio, tropeça, dá dois passos de joelhos pela areia. Francisco lhe dá um tiro nas costas.

Os capangas desmontam e perseguem Pedro, matando-o. Seguram Oribela. O terceiro marinheiro, desesperado, sai correndo mar adentro.

Francisco desce do cavalo, irado. Vê o homem correndo pateticamente sobre as ondinhas da praia.

Joga a arma no chão, desembainha sua faca, e entra no mar atrás dele.

Na água, o homem percebe. Sem saída, pára de correr e empunha sua faca.

Francisco vem se aproximando.

O homem espera ofegante.

Os dois se atacam. Francisco o derruba. Começa a esfaqueá-lo.

Oribela cospe a areia de sua garganta.

O terceiro marinheiro morre com as facadas de Francisco.

Francisco sai da água, todo molhado, puxando o corpo do marinheiro sangrando.

Oribela respira avidamente, tentando recuperar o fôlego.

Francisco chega até ela e diz, duro:

FRANCISCO
Roubaste minhas botinas.
Furtaste inhas botinhas.

39 PRAIA EXT/DIA

Francisco, a cavalo, segue para a estrada. Ao seu lado Navarro e o outro capanga. Francisco tem o rosto sujo, o orgulho ferido. Na sela, estão penduradas as botinas roubadas.

Oribela é puxada pelos pulsos por uma corda amarrada ao cavalo de Francisco. Tem a aparência demolida.

Ao fundo, ardem três fogueiras. Em cada uma queima um corpo humano.

40 ESTRADA EXT/DIA

Oribela segue a pé, descalça, ainda puxada pelos pulsos.

ORIBELA
(gritando)
Francisco, me perdoa... não volto a fazer algo assim...
Francisco, me perdõa... Nam torno fajer algorrém assi...

Francisco continua olhando em frente, impassível, como se não a ouvisse.

ORIBELA
Não sou veado caçado... não sou bicho... nem natural...
Nam sou animália! Nam sou besta caçada!

Francisco murmura, a si mesmo:

FRANCISCO
Deus há de nos castigar... castigar com potência
espantosa...
Deus vai a castigar-nos... com ira desigual...

Francisco dá um tranco na corda.

Oribela sente o puxão.

Seus pés descalços se ferem no caminho.

ORIBELA
(com ódio)
Desterrado! Bastardo! Capeta! Satã! Satanás!
Cobarde! Berdamerda! Esgraçado! Berzebu!

Francisco vira-se, olha Oribela, e se desvira novamente.

41 DESPENSA INT/NOITE

Oribela está em camisa de baixo, deitada num estrado de madeira, sem cobertas. Dorme um sono agitado. Ao seu lado, uma cuia de comida intocada.

Dona Branca, parada à porta, observa com olhos frios.

42 DESPENSA E CORREDOR INT/DIA

Oribela, febril, tem os pés enrolados em curativos de folhas verdes, e o tornozelo preso por uma corrente. Tenta soltar o tornozelo. Não consegue.

Sentada no estrado, observa à sua volta.

É uma despensa pequena e escura, cheia de caixas e barris empilhados. Não tem janelas, e é escura mesmo de dia.

Ela tenta levantar. O movimento é difícil.

Arrasta-se com dificuldade até a porta. A corrente só chega à metade do cômodo. Ela estica o braço o máximo que pode. Bate, tentando chamar atenção.

ORIBELA
(alto)
Francisco...!

Ninguém responde.

ORIBELA
(batendo)
Francisco! Francisco!

Nada. Ela olha em volta, procurando uma fresta, uma saída. Vê um buraquinho na parede.

Aproxima-se pra olhar.

Um olho enorme cobre o buraco do outro lado.

Oribela recua num susto. Espantada, torna a olhar.

Pelo buraco, aparece a menina Viliganda, afastando o corpo da parede, espantada.

Oribela olha de novo, Viliganda vai se esconder atrás de um vão do corredor. Oribela olha aflita, procurando ver a menina. Viliganda reaparece no canto da parede, olhando na direção do buraco. Oribela bate na porta. Viliganda torna a desaparecer e a aparecer devagar de detrás do vão. Oribela percebe que Viliganda está querendo brincar com ela. Aparecendo e desaparecendo de trás do vão, Viliganda sorri estranhamente. Esta demonstração de humanidade de Viliganda reforça o desamparo de Oribela. Oribela começa a chorar.

43 ALDEIA INDÍGENA EXT/DIA

Numa aldeia indígena, no meio da mata, cenas descontínuas de violência e sangue.

Os homens de Francisco ateiavam fogo às ocas.

No centro do pátio as esteiras e o moquem com pedaços de carne humana.

Mulheres índias fogem correndo para a mata, levando suas crianças. Os brancos atiram com armas de fogo.

Os homens da aldeia tentam atacar os brancos.

Os capangas entram nas ocas, buscando as mulheres e crianças escondidas.

Restos da aldeia incendiada. Corpos de índios mortos no chão.

Francisco e seus homens terminam de matar os moribundos, e aprisionam os sobreviventes.

Francisco faz um gesto nervoso aos homens, pra que se apressem.

FRANCISCO
Vamos! Catem esta gente! Vamos embora daqui!

44 DESPENSA INT/NOITE

Uma chuva forte bate no teto e nas paredes da despensa. A cobertura não é suficiente, e muita água entra, molhando o interior do cômodo.

Oribela sentada no estrado, abraçada aos joelhos. Olha as poças de água se formando no chão.

Chorando, ela murmura:

ORIBELA
(triste, cantando)

A nobre multidão, e o luminoso exército, dos vossos santos mártires... Adora juntamente, ó pai onipotente, Deus vivo e verdadeiro...

45 DESPENSA INT/DIA

Temericô retira o curativo dos pés de Oribela. Limpa a sola com um pano úmido. Observa.

As feridas estão melhores.

TEMERICÔ
(sorrindo)

Auíê ndy py pereba î arybé n'ipó.
(Que bem que a ferida do teu pé está melhor)

Oribela permanece quieta.

O chão está enlameado. Duas cuias, ainda cheias, estão caídas.

Temericô começa a recolher a comida derramada.

TEMERICÔ
(reclamando pra si mesma)

Abá o-s-eî-eîa va'e-va'e yvy-î. Xe nhõ o-porabyky-byky iké. Xe kane'õ, xe guaib-ï-namo. Aé-te abá-e'yma i ma'enduar amë sesé...
(Todos largam as coisas pelo chão. Só eu fico trabalhando por aqui. Eu estou cansada, estou velha. Mas disso ninguém lembra...)

Oribela olha pra ela melancólica.

ORIBELA
Onde está Francisco?
Francisco?

TEMERICÔ
Pacico...

46 DESPENSA INT/NOITE

Oribela desperta assustada, com barulhos de gente se movimentando, e gritos vindos do pátio.

Nervosa, ela vai até o burquinho na parede, e espia.

47 PÁTIO DA FAZENDA EXT/NOITE

Pelo buraco da despensa, vemos o pátio escuro, onde os homens de Francisco, sujos do ataque, e carregando tochas acesas, vêm arrastando e empurrando os índios capturados.

Francisco vigia os trabalhos a uma certa distância. Vigia sobretudo a massa humana de índios aprisionados.

Ele tem os olhos vidrados, entre o choque pela violência, e a ganância.

48 DESPENSA INT/NOITE

Oribela começa a esmurrar a parede e grita:

ORIBELA
Francisco...! Francisco...!

Não respondem.

Ela pega um pedaço de madeira e bate na porta violentamente.

ORIBELA
Me solta! Me tira daqui!
Me deixa. Me livra dacó.
Me safa... Me soita... Ai eu...

Nada.

Oribela tem um ataque de raiva: puxa a perna presa à corrente, derruba de propósito caixas empilhadas. Quebra a madeira das caixas, faz um escarcéu. Puxa de uma prateleira um saco de farinha que se abre e espalha a farinha por todo a despensa como que nevando. Oribela fica branca de farinha.

49 CASA DA FAZENDA, CÔMODOS INT/NOITE

Francisco, sujo do ataque, atravessa os cômodos, empurrando o toucador de Branca em direção a seu quarto. Está vermelho, suado.

O móvel é pesado. Treme e faz barulho ao ser arrastado.

50 CASA DA FAZENDA, QUARTO DE FRANCISCO INT/NOITE

Francisco entra empurrando o toucador.

Branca traz Oribela meio esbranquiçada de farinha e o pé ainda amarrado à corrente. Branca sai do quarto, com o mau humor estampado no rosto.

Francisco deixa o móvel ao lado da cama. Ainda veste as roupas manchadas de sangue e de lama.

FRANCISCO
É teu.
É teu.

Oribela vê sua imagem refletida no espelho. Um rosto jovem, mas cansado, o rosto pálido com olheiras.

Francisco senta na cama. Entrega a chave da corrente a Oribela.

Ela se curva, e solta o pé.

Francisco tira a camisa, e estende a perna a ela.

Oribela não diz nada. Sem reclamar, tira suas botinas.

FRANCISCO

Me ofendeste muito... Se fosse homem pior, não te recebia em casa. (pausa) Podia te açoitar... te expor na vila com tua vergonha.

Me aborraste muito... Se era homem pior, nam te recebia em cas. Podia te açoitar... com assuã de porco... na vila... Monstrar ta vergonha a todos. Vai pera camba.

Oribela, o rosto impassível, levanta a parte de baixo de seu vestido. Fica nua da cintura para baixo.

Oribela deita na cama em silêncio, com o ventre voltado para cima.

Francisco monta sobre ela. Ela não impõe resistência.

FRANCISCO

Te iludes em pensar que podes fugir do meu alcance.
Te enganas em creendo que havia se safar de mi.

ORIBELA

Não fujo mais.
Mais nam fojo.

Francisco a possui, em movimentos bruscos e contidos.

FRANCISCO

(seco)

Se foges, te mato.
Se foges, te mato.

Oribela tem o rosto virado para o lado, tentando reprimir qualquer tipo de reação.

Depois de alguns instantes, seu rosto se descontrai, como se não sentisse mais dor.

ESCURECIMENTO

51 PORTÃO/PÁTIO DA FAZENDA EXT/ENTARDECER

O rosto de Maria, balançando aos solavancos do lombo de um jegue chega à fazenda. Ela observa o lugar ansiosa, procurando a casa.

O jegue é conduzido pelo Jesuíta. Junto a eles, estão dois meninos índios vestidos como coroinhas de igreja.

Chegam ao centro do pátio. O Jesuíta observa o curral ao fundo.

Os índios aprisionados estão espalhados pelo lugar, amontoados como animais.

Os cachorros da fazenda latem.

52 CASA DA FAZENDA, QUARTO DE FRANCISCO INT/ENTARDECER

Oribela está em frente à penteadeira, se arrumando. Usa um vestido mais decotado, que deixa à mostra a camisa de baixo. Ela ajeita a camisa cuidadosamente.

Viliganda aparece à porta, observando-a.

Oribela não liga, e arruma o cabelo.

Viliganda se aproxima. Toca uma das gavetas da penteadeira.

Oribela segura a mão da menina e a afasta, com firmeza.

A menina se afasta, quieta.

Oribela segue se enfeitando. Prende o cabelo com uma presilha. Sobre sua imagem, vêm alguns ruídos de Viliganda fuçando pelo quarto.

Oribela não se incomoda. Pelo reflexo do espelho, a menina revira os baús de Francisco, espalhando a roupa dele pelo chão.

Oribela presta atenção às roupas de Francisco espalhadas. Termina de se arrumar e vai até Viliganda.

A bagunça é grande.

ORIBELA

Sai! Sai, menina!

Oribela cata rapidamente as roupas.

Entre as coisas jogadas, nota uma algibeira. Moedas de ouro escapam pela abertura.

53 CASA DA FAZENDA, COZINHA INT/ENTARDECER

O Jesuíta vem entrando na casa, em seu passo manco. Dona Branca o recebe cheia de atenção.

Francisco está em pé ao lado da mesa.

JESUÍTA

(satisfeito)

É tanta gente...! Pensei que fossem nove ou dez...

Ainda se eram nove ou dez... Son atam mais.

FRANCISCO

São muitos... Mas todos terão uso.

Son abondo... mas nenhum non é sobrando. Pera todos há serviço.

O Jesuíta segue para o interior da cozinha. Atrás dele, vem a velha Maria.

JESUÍTA

*Devias ter me chamado. Cativos, precisam de catequese.
Devias me chamar. Os brasis precisam de Cristo.*

BRANCA

*Estávamos por chamá-lo, Padre...
Íamos a chamá-lo, Padre...*

Parados à porta, ficam os dois meninos índios, em suas roupas de coroinha.

Maria observa o lugar, ansiosa. Oribela não está presente.

O Jesuíta senta. Maria senta. Olha os lugares na mesa, procurando sinal de Oribela.

De repente ela entra, toda arrumada, como a senhora da casa.

O Jesuíta a observa, surpreso.

Oribela nota Maria. Disfarça e mantém a pose ativa, controlando a emoção.

ORIBELA

*A benção, Padre. Boa noite, Dona Maria.
Sa benção, Padre.
Boa noite, Dona Maria.*

O Jesuíta faz um sinal de benção, e continua falando a Francisco:

JESUÍTA

*A Companhia está construindo um colégio. Quero levar uns comigo...
Queiro levar uns comego... A Companhia está constroindo um colégio.*

Enquanto eles falam, Oribela dá a volta na mesa, indo ao seu lugar.

Maria a observa surpresa. Oribela se dirige ao Jesuíta.

ORIBELA

*Padre, foste servido?
Padre, nam queires comer?*

À frente do Padre, não há prato nem comida. Oribela faz um sinal a Temericô, pra que sirva o padre.

Francisco relaxa, ao ver a atitude da mulher.

FRANCISCO

*Isso, Padre, descanse. A viagem não é tão fácil. (pausa)
Amanhã falamos dos índios.*

Êsso, Padre, descansa. A viagem non é fáceli. Amanhã falamos dos negros.

JESUÍTA

Quero levar uns comigo... Criamos os pequenos, que depois ensinam aos pais.
Queiro levar uns comego... ensinamos os pequenos, (que) depós ensinam òs paes.

FRANCISCO

(levemente irritado)

Que não sejam muitos... Dois, três...dos menores.
Muitos non... Dois, três... dos chus menores.

Francisco respira fundo. Oribela indica a Temericô que sirva Maria. Maria dirige a ela um olhar melancólico.

ORIBELA

Coma, Maria. Nesta casa há muito o que comer...
Coima, Maria. En nêsta cas há mui o de comer...

54 COZINHA INT/NOITE

Tudo escuro. As índias da casa dormem em redes perto do fogão.

Maria também dorme, deitada sobre um manto no chão.

Em silêncio, vagorosamente, Oribela entra na cozinha.

Ela pára a uma certa distância, observando a velha que ronca levemente.

Maria abre os olhos, sonolenta. Percebe o vulto de Oribela, mas não a reconhece totalmente.

MARIA

Filha...?
Fia...?

ORIBELA

Desculpa... não queria te acordar.
Perdon... nam quige te espertar.

As duas se observam por um instante, à distância.

ORIBELA

(hesitante)

Estás bem...?
Andas bem...?

Maria, lentamente, faz que sim.

MARIA

E tu...?(pausa) Vi os corpos queimados... Como te trata?
E ti...? Vi os homens creimados... Comae te trata?

ORIBELA
Meu esposo é um homem bom.

Oribela olha Maria. Seus olhos calmos reprimem alguma coisa.

Maria observa seu vulto, preocupada.

MARIA
Queres vir aqui...? Deitar comigo...?
Queires veir acá...? Deitar comego?

Oribela a observa por um momento. Respira fundo, e desvia o olhar.

Ficam em silêncio por um instante.

Oribela hesita.

Vem um ruído qualquer do interior da casa.

Ela subitamente muda de expressão.

ORIBELA
Tenho que voltar... Francisco pode acordar...
Hei tornar... Francisco pode espertar...

55 PÁTIO EXT/DIA

No meio do pátio, estão o Jesuíta e os coroinhas, junto a um grupo de crianças índias. O grupo tem uns sete meninos, todos sujos e levemente machucados, ainda marcas do ataque.

A expressão dos meninos amontoados transmite injustiça e desconsolo. Os coroinhas cantam baixo, ao lado:

COROINHAS-ÍNDIOS
Myiapé ybakyguaara...
apyabebe rembiu...
xeanga reko puku...
xe ambyasy posanga...
xe rekótebe maraara...

O Jesuíta se volta novamente para o curral ao fundo, onde estão os outros prisioneiros.

Olha as crianças que capturou, e de repente diz a um dos coroinhas:

JESUÍTA
E-kûai kunumî turusu sosé reru.
(Vá e traga um menino mais crescido)

O coroinha concorda com a cabeça, e segue em direção ao curral.

Navarro, entre os capangas, não gosta do que vê, e segue desconfiado em direção ao engenho.

Maria e Oribela observam meio assustadas, num canto.

ORIBELA
(melancólica)

Maria, queria tanto conversar contigo... e pelo jeito já partes...
Maria, querria atam conversar contego... e já partes...

MARIA
(baixo)

Me tratam como uma escrava...
Hei também um homem que me manda...

O coroinha volta do curral, seguido de um índio de uns catorze anos.

O Jesuíta grita aos capangas que ficaram:

JESUÍTA
Tragam os animais! Vou-me embora, já é o tempo!
Traigam as animálias! É já tempo!

Os capangas ficam imóveis por um instante, hesitando.

Navarro volta acompanhado de Francisco. Este observa os índios do Jesuíta, o menino de catorze anos:

FRANCISCO
Ôu-ôu-ôu...!

O Jesuíta só nota Francisco agora, num susto.

FRANCISCO
Este já pode trabalhar...!
Êsse já vai trabalhando!

JESUÍTA
(rearticulando-se)
Preciso dos mais velhos pra ajudar nos serviços... para a pesca...
Careço de um mais crescido polo pescar...

Navarro segura pelo braço o garoto de 14 anos.

FRANCISCO
Pegue os outros também!
Cate hi os outros também!

Navarro separa os meninos com mais de 10 anos.

JESUÍTA
Dei-te uma noiva com três vacas de dote. Me negas um índio?
Dei-te ua novia de três bacas de dote. Me negas um negro?

O Jesuíta observa Navarro, levando embora metade dos índios de seu grupo.

JESUÍTA
(nervoso)
Francisco, que é isso?
Francisco, o que é êsso?

FRANCISCO
(ríspido)
Queres índios, vai buscar! Estes são meus!
Queires salvagens, vai tu trás eles! Aquêstes são meus!

O Jesuíta respira fundo, tenso.

JESUÍTA
Ah, que isso há de ficar mal! Há de ficar muito mal pra tua pele!
Ah, êsso há ficar mui mal pera ti! Deveras mui mal pera ti!

O Jesuíta rodeia mancando os meninos. Faz um gesto nervoso, chamando Maria novamente.

Oribela segura a mão da velha, agoniada.

ORIBELA
E as meninas... Ficou alguma na vila?
As raparigas... Restou alguma ena vila?

MARIA
Só Bernardinha. Já pariu.
Sola Bernardinha. É já prenha.

ORIBELA
E não a vês?
Sóis veê-la?

MARIA
Quem dera. Não sai a rua, só acompanhada.
Se anxi fora. Non sae de cas, a penas acompanhada.

Oribela amargamente acaricia a mão de velha, segurando sua emoção.

Maria se apressa, até as crianças que sobraram.

JESUÍTA
Te escondes no meio do mato! Não creias que estás seguro!
Te escondes mato adentro! Non cuidas que és livre da lei!

FRANCISCO
(esbravejando)
Tragam logo os jegues! O padre quer ir embora!
Traigam os jegues! Toste! O padre queire ir embora!

Os homens da fazenda chegam com as montarias.

Branca observa da porta da casa, nervosa.

Oribela aproxima-se de Francisco, tentando acalmar a situação.

ORIBELA

Francisco... isso não há de te trazer nada de bom...
Francisco... êsto non há trager nonada de bom...

Branca segue em direção ao Jesuíta, apreensiva:

BRANCA

Padre, por favor...
Padre, pardeus...

O Jesuíta sobe num jegue e dirige a Branca um olhar fundo, acusador.

JESUÍTA

O reino está perto! Mais perto que pensas! Vão te cobrar os teus pecados!
O reino é mui perto! Chus perto que cuidas! Hão te cobrar tos pecados!

Branca recua, intimidada. Só então percebe Viliganda atrás de si. Sem saber como reagir, abraça a menina, como tentando se proteger.

Oribela nota a cena, e estranha.

Francisco faz um gesto ríspido a Branca, pra que se recolha.

O Jesuíta vai apressando os homens.

Oribela observa Branca recuando para a casa, abraçada a Viliganda.

56 PÁTIO E CASA DA FAZENDA EXT/ENTARDECER

O Jesuíta, meninos e Maria atravessam o portão em direção à cidade.

Francisco, no pátio, assiste o grupo partir.

Um capanga fecha o portão.

Francisco permanece sozinho, no pátio enorme e vazio.

57 CASA DA FAZENDA, COZINHA E CÔMODOS INT/NOITE

Branca, sentada à mesa, mexe em grãos de trigo espalhados sobre uma tábua.

Sua mão envelhecida tateia os grãos como se os lesse, atentamente.

Francisco entra na casa, nervoso, vindo do pátio.

Branca levanta.

BRANCA
Quem pensas que és...? Perdeste o juízo?
Quem cuidas que és...? Perdeste o joízo? Sandeceu?

Francisco finge que não ouve, e segue para o interior da casa. Branca vai atrás dele.

BRANCA
Insultar o padre desta maneira!
Insoitar o padre dêsta manera! Zote!

FRANCISCO
Estou cuidando do que é meu!
Sou pensando o que é meu!

BRANCA
Teu é teu pescoço!
Teu é to pescoço!

Branca apressa o passo para alcançar Francisco. Segura o braço dele com força.

FRANCISCO
(raivoso)
Quero mais que isso.
Queiro chus que êsso.

Branca segura-o pela cintura, com a outra mão.

BRANCA
Não somos absolutos...
Non somos assolutos... senhores de todo...

Mãe e filho ficam frente a frente, numa proximidade tensa e erótica.

FRANCISCO
A terra é grande. Vamos mais fundo pro sertão.
A terra é grande. Se me enervam, hemos ir mais fundo en no sertão.

BRANCA
(amarga)
Que queres fazer? Virar um selvagem?
Que queres fazer? Tornar-te um selvagem?

Branca acaricia o ombro de Francisco. Sobe a mão até o pescoço dele.

Francisco segura o braço dela, atormentado.

BRANCA
Francisco...

Francisco entra no quarto.

Oribela fecha o baú rapidamente.

Ele senta na cama.

FRANCISCO
(amargo)
Gostas do móvel?
Aprecias a arca?

Oribela demora a responder.

ORIBELA
Gosto.
Prezo.

FRANCISCO
Com os índios que o padre me tomou, poderia comprar-te mais um.
Con nos negros que o padre tomou, pudera te comprar ua mais.

ORIBELA
(depois de uma pausa)
Um armário é suficiente.
Ua arca é abastante.

FRANCISCO
Te darei uma mantilha, para ires à igreja.
Hei te dar ua mantinha pera rezar ena eigreja.

ORIBELA
A igreja está longe.
A eigreja é longe.

Os dois ficam em silêncio.

Oribela se deita.

Francisco afunda o rosto no peito da mulher.

FRANCISCO
Oribela, houve época em que eu quis entrar sertão adentro, em busca dos tesouros que dizem haver além da mata...
Oribela, antano eu quise entrar sertão adentro, trás los tesoiros que há alende a mata...

Ele deita sobre Oribela. Francisco olha o corpo dela, emocionado. Toca o rosto dela.

FRANCISCO
Mas eram desejos sem prática...
Mas eram voluntades sem jeito...

Oribela levanta os braços, e o envolve.

59 CASA DA FAZENDA, COZINHA INT/NOITE

Branca e Oribela comem à mesa em silêncio.

Viliganda brinca no chão, aos pés da mãe.

Oribela observa a menina. Está pensativa, desconfiada. Observa suas feições, seus gestos.

Branca encara Oribela por um instante, e não diz nada.

ORIBELA

Quantos anos tem a menina?
A minina há quantos anos?

BRANCA

(seca)

Quatorze.
Catorze.

De repente a expressão de Oribela se altera, como se percebesse algo muito grave.

Branca encara Oribela, agressiva:

BRANCA

Que tens? Viste um fantasma?
Que há? Viste abantesma?

Oribela se retrai.

ORIBELA

Não é nada, senhora.
Nonada, senhora.

BRANCA

(ameaçadora, desafiadora)

Deixei Portugal há quinze anos, só eu e meu filho... Aqui não havia casa, nem mesmo cama... Dormíamos no chão, entre os selvagens...
Leixei Portugal há quinze anos, eu só, sozinha com mo filho... Non hi havia ua cas siqueira... nemigalha de cama... Dromíamos eno chão, ontre mato e selvagens...

60 CASA DA FAZENDA, QUARTO DE FRANCISCO INT/NOITE

Oribela penteia os cabelos, sentada à penteadeira. Está tensa, assustada.

Francisco entra no quarto. Tem a expressão fechada. Aproxima-se dela.

Oribela pára de se pentear, ajeita os cabelos soltos sobre o ombro.

Francisco toca o rosto dela.

Oribela segura a mão dele, temerosa, e a acaricia.

61 CASA DA FAZENDA, QUARTO DE FRANCISCO INT/NOITE

Francisco dorme pesadamente.

Na cama, ao seu lado, o lugar está vazio.

62 ESTRADA DA FAZENDA EXT/NOITE

Oribela segue pela estrada, montada num asno. Usa calças e camisa de homem. Tem nas mãos uma tesoura.

A cada passo do asno, tomando cuidado para não perder o equilíbrio, ela dá uma tesourada em seus cabelos.

Aos poucos, seus cabelos vão ficando curtos como os de um homem.

Tudo está quieto.

Oribela continua seguindo, atentamente.

63 VILA EXT/DIA

Oribela entra na cidade. Seus cabelos estão totalmente curtos. Ela vem puxando o asno pela rédea, tensa, caminhando de maneira masculina.

As pessoas da cidade se dirigem à missa. Há poucas famílias - na maior parte são homens solteiros, seguidos de escravos e escravas.

Oribela caminha observando as casas atentamente.

Baixo, pra si mesma, ela resmunga, treinando a voz, tentando falar como homem.

ORIBELA

(baixo e grosso)

Meu nome é Antônio... Meu nome é Paulo... meu nome é Paulo...

Mo nome é Antoino... Mo nome é Paulo, mo nome é Paulo. Mo nome é Paulo.

Finalmente, no fim de uma rua, ela vê Nagô, o escravo de Ximeno.

Ele carrega nas costas um arco de madeira onde estão pendurados dois baldes de água.

Oribela o segue.

64 RUA E PORTÃO - CASA DE XIMENO EXT/DIA

O negro Nagô entra em uma casa grande, uma espécie de galpão, com a porta grande e aberta.

Oribela puxa seu burrico, e vai se aproximando.

A primeira parte da casa é um amplo estábulo. Há dois cavalos, feno, várias caixas empilhadas. No fundo, uma parede e uma porta.

O escravo segue com os baldes para o fundo da casa.

Oribela fica observando o interior do lugar.

De repente, pela porta do fundo, aparece Ximeno.

Oribela pega uma madeira do chão. Bate no vão da porta, pra chamar atenção.

Ximeno nota sua presença.

Vem até ela.

ORIBELA
(pigarreando, tentando falar grosso)
Ximeno Dias...?

Ximeno a observa, desconfiado.

ORIBELA
(engrossando a voz)
Meu nome é Antônio... Cheguei hoje do sul...
Mo nome é Antoino...
Cheguei hoje do sur...

XIMENO
Sul? Que vila...?

ORIBELA
Vila Nova.

Ximeno analisa sua postura, suas roupas.

ORIBELA
Lidas com comércio, conforme me disseram...
És do comércio conforma mo dixeram...

Ximeno nota uma mecha do cabelo dela, escondido sob o chapéu.

Oribela abre a mão, mostrando uma moeda de ouro.

ORIBELA
Quero embarcar na próxima nau. Peço tua ajuda.
(estende a moeda) Pago teu serviço.
*Alpido ta ajuda. Queiro embarcar ena nave que primeiro
apoiar. Pago to serviço.*

Ximeno olha a moeda. Olha a mão de Oribela.

ORIBELA
Se não for suficiente...
Se nam for bastante...

Ximeno dirige o olhar para o asno. Procura alguma marca de propriedade.

XIMENO
O animal é teu?
La bestia és tuya?

Oribela hesita por um instante.

ORIBELA
(um pouco nervosa)
É meu. Fica em pagamento também.
É mia. Leixo er em paga.

Ximeno fica um minuto em silêncio. Olha pra ela novamente, e diz:

XIMENO
Não posso ajudar.
No puedo ayudarte.

ORIBELA
(nervosa, a voz mais fina)
Não há de lhe custar... me abrigas por algum tempo e me embarcas... serás bem pago...
Nam te pesa... A bofé vais a seer bem pagado. Me recolhes algum tempo, depós eu embarco.

XIMENO
Não lido com isso.
No trato en esos.

ORIBELA
Por favor...
Pera madre deus...

XIMENO
Sinto muito.
Lo siento mucho.

Ximeno vai voltando pro interior do galpão.

ORIBELA
(aflita)
Senhor Ximeno... Um dia... não mais...
Senhor Ximeno... Um dia... nam mais...

Ele a olha mais uma vez.

XIMENO
(grave)
Livra-te deste animal. Muita gente conhece o dono.
Librate de êsta bestia. Todos saben a quien pertenece.

65 RUA E TERRENO EXT/DIA

Oribela retira suas coisas da sela, e bate nas costas do asno, pra que ele siga. O asno vai embora.

Sozinha, ela caminha até um terreno vazio, e procura um lugar para se esconder.

Abaixa-se, e fica de tocaia, observando a porta de Ximeno.

ORIBELA
(murmurando baixo)

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós... Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós...

Depois de um tempo, no fundo da rua, aparece Ximeno saindo da casa, e seguindo para o centro da vila.

66 CASA DE XIMENO, ESTÁBULO EXT/DIA

Oribela bate novamente à casa.

O escravo negro lida com os cavalos.

ORIBELA
(decidida)

Ximeno Dias... quero falar com ele.
Ximeno Dias... queiro falar conele.

O escravo a olha, e balança negativamente a cabeça.

ORIBELA
Onde está?
Onde é ele?

Nagô indica a rua. O escravo a observa, desconfiado.

Oribela finge que não o vê, e vai entrando.

67 QUARTO DE XIMENO INT/DIA

A porta se abre. Ximeno entra.

Ele nota Oribela sentada à mesa. Vê Nagô vigiando Oribela. Fica um instante imóvel.

XIMENO
(a Nagô)
Está aqui faz tempo?
Está aqui hace tiempo?

Nagô faz que sim.

XIMENO
Veio montado? Viste?
Vino montado? Hás visto?

O escravo faz que não.

Ximeno o observa um instante, imaginando se ele desconfia de algo. Nagô continua parado, alerta, como um cão de guarda.

XIMENO
Pode sair.
Vete.

O escravo sai. Oribela vai levantando, arredia.

ORIBELA
(assustada)
Por favor. Preciso de um lugar pra ficar.
Pera madre Deus. Careço de um logar pera ficar.

Ximeno olha pra ela, duro.

ORIBELA
Não vou demorar muito, só até chegar a nau... tenho quatro moedas, duas peças de ouro...
Nam fico de moras. Vou-me crás. Aduro a nave chegar... Hei quatro monedas, duas peças doiro.

XIMENO
Teu esposo está na cidade. Volta pra ele.
Tu esposo está en la aldea. Tornate a el.

ORIBELA
Não conheço ninguém. Preciso de ti.
Nam posso, nem se eu quigesse, e nam queiro. Careço de ti.

XIMENO
Sai daqui. Ou te ponho pra fora.
Vete ahora. U yo te pongo fuera.

ORIBELA
(estendendo a bolsa)
É tudo teu, qualquer coisa que puder te valer. Vou embarcar e ninguém mais saberá de mim.
É todo teu, qualquer cousa que te valha. Tamalavez. Vou embarcar e nenhum nam vai a saber de mi.

Oribela, aflita, não sabe mais o que argumentar.

Soam ruídos de cavalo vindos da rua.

Nagô volta ao quarto. Faz um gesto com a cabeça, indicando que há gente lá fora.

Oribela dirige um olhar suplicante a Ximeno.

ORIBELA
(aflita)
Por favor...
Pido ta mercê...

68 ESTÁBULO DE XIMENO INT/DIA

Ximeno sai do quarto e atravessa o estábulo.

Nagô o segue.

Ximeno vê Francisco parado à porta, a cavalo. Junto dele está Navarro.

XIMENO
Nagô... vai no porto, ajudar Faustino.
Nagô... vete al porto.

O escravo sai do estábulo.

69 CASA XIMENO - FRENTE E RUA EXT/DIA

Ximeno aparece à porta da casa.

Francisco desce do cavalo, observa o estábulo. Está desconfiado, mas não agressivo.

Navarro continua em seu cavalo, armado.

Ximeno percebe o clima. Tenta falar descontraidamente:

XIMENO
Francisco, em que posso ajudar?
Francisco, deseas mis servicios?

FRANCISCO
Roubaram-me alguns animais.
Furtaram-me uas alimárias.

XIMENO
Vacas?
Vacas?

Francisco fala devagar, observando o lugar.

FRANCISCO
Asnos... montaria.
Asnazes... de montairia.

XIMENO
Crês que vieram à vila? Podem ter ido para a mata...
Cuidas que veniran a la cibdat? Samicas fueron por la mata...

FRANCISCO
Não estou atrás dos animais. Quero o ladrão.
Non sou trás las animálias.
Caço o ladrão.

Ximeno engole seco.

Francisco caminha lentamente, olhando o lugar por outros ângulos.

FRANCISCO
Não ias para os Açores?
Non te ias pera Açores?

Ximeno muda de expressão, fica mais tenso.

XIMENO
Estou pensando...
Estoy cuidando...

FRANCISCO
Disseram-me que a próxima nau demora.
A primeira nau ainda tarda...

XIMENO
Posso arranjar-te alguns animais, se tens pressa.
Arrégloste algunas animales, si tienes prisa.

FRANCISCO
Pode ser. (vago) Fico alguns dias na vila... é possível...
bem provável... que recupere o que me roubaram.
 *Talvez. Resto alguns dias ena vila. É possíveli...
 Samicas... resgato o que mo furtaram.*

Francisco mantém sobre Ximeno um olhar desconfiado.

FRANCISCO
Segues para o sertão...?
Vais pera o sertão...?

XIMENO
Não é certo. Talvez em alguns dias.
No és de certo. Quizá en pocos días.

FRANCISCO
Se fores, me avisa...
Tu indo, me avisas...

Francisco faz uma pausa.

FRANCISCO
Posso precisar de ti. Fazer-te alguma encomenda.
Posso carecer de ti. Fager-te alguma encomenda.

70 QUARTO DE XIMENO INT/DIA

Ximeno entra no quarto.

Oribela está escondida atrás da porta, alerta.

ORIBELA
(assustada)
Que disseste?
Que dixeste?

Ximeno está ainda mais assustado, embora tente não demonstrar.

XIMENO
Fica quieta, ou te mato eu mesmo.
¡Calla! U te mataré yo.

Ele fica imóvel por um minuto.

Então, com seu corpo grande e pesado, abre um armário no canto da parede.

No fundo, aparece uma escada que leva ao sótão.

71 SÓTÃO DE XIMENO INT/DIA

Abre-se um alçapão no piso, entra Ximeno.

Ele puxa Oribela pelo braço, rispidamente.

XIMENO
Não faças qualquer ruído. Não andes. O negro pode ouvir.
Noagas ruido. No andes. No avles. El prieto pode oírte.

Oribela entra. Observa o lugar, alerta. Está quase escuro, e ela só vê os volumes de alguns móveis - uma estante, um catre, uma mesa, um penico.

Ximeno vai até uma pequena janela, e abre uma fresta.

Entra uma réstia de luz do fim do dia.

ORIBELA
Não me entregaste.
Nam me entregaste.

XIMENO
Não tens idéia do que estás fazendo. Mataste três. Vais matar mais dois.
No sabes nonada. Hás matado tres. E matarás más dos.

(pausa)
Onde conseguiste estas roupas?
Donde lograste éstas ropas?

ORIBELA
Peguei de Francisco.

São de Francisco.

Ximeno fica um instante em silêncio. Observa-a atentamente.

XIMENO
(seco)
Fica aqui e não mexa em nada.
Quiedate aquí y no mezcles nonada.

Ximeno volta para o alçapão.

XIMENO
(amargo, pra si mesmo)
A umidade afeta meus miolos...
La humedad ruina mi juicio.

Ele desce, e fecha a tampa.

72 SÓTÃO DE XIMENO INT/ENTARDECER

Oribela fica sozinha no sótão. A luz desapareceu, com o cair da noite.

O lugar está escuro. Ela vai até a janelinha. Olha.

73 JANELA, VILA, TRECHO RUA E SÓTÃO EXT/ENTARDECER

Pela janela, aparece à distância um trecho da rua.

Vazio e escuro. Não há ninguém.

Os olhos de Oribela observam, em silêncio.

74 SÓTÃO DE XIMENO INT/NOITE

O alçapão se abre. Uma fraca luz de lamparina vem do andar de baixo.

Ximeno entra no cômodo devagar, trazendo uma cuia de comida.

Há um ruído fraco de água escorrendo. O ruído se interrompe.

Oribela está ajoelhada sobre o penico, no canto do cômodo, com as calças baixas.

Ximeno a observa. Seus olhares se cruzam.

Oribela volta a urinar.

Ele deixa a cuia sobre a mesa. Os dois continuam se olhando, em silêncio, no escuro. Ele fica um instante imóvel.

Segue lentamente para o alçapão, sem tirar os olhos dela.

Parecem dois animais alertas, medindo-se à distância.

Ximeno começa a descer pelo alçapão.

Oribela abre um dos baús. Não vê o que procura e fecha, olha em volta. Procura perto da estante. Nada que lhe interesse. Sem muito interesse, ela olha os livros. Mapas, monstros do oceano, vilarejos, caligrafia hebraica.

A comida continua intocada sobre a mesa.

Oribela puxa a tampa do alçapão. Está fechada. Ela força. Trancada.

Ela vai até a cama.

O alçapão se abre de repente.

Entra Ximeno. Parece alerta, desconfiado.

Oribela fica imóvel onde está.

Olham-se por um instante.

ORIBELA

Me trazes uma tina?
Tréide ua vacia?

Ximeno não diz nada.

XIMENO

(depois de um tempo)
Quem foi teu pai?
Quien fue tu padre?

Oribela não responde.

XIMENO

Por que fugiste?
Por que huyiste?

Pausa.

ORIBELA

Não sou de tua gente, se é o que queres saber.
Nam sou de ta gente.

Há um silêncio meio constrangido entre os dois. Como se tivessem vergonha de se olhar, não soubessem direito o que fazer com o corpo.

ORIBELA

(ainda meio sem jeito)
Quero voltar a Lisboa. Peço abrigo no mosteiro, na casa das órfãs. Ou então fico na rua, não me importa.
Pido emparo en no mostêrio, en na cas das órfãs. Resto en na rua. Nam dou rem.

Ximeno dá um sorriso irônico, meio piedoso. Fica em silêncio.

ORIBELA

Vais me embarcar?
Vais me embarcar?

Ximeno não diz nada. O olhar dele se dirige ao corpo dela, sem que possa controlar.

Oribela percebe. Hesitante, ela também olha o corpo dele.

Conforme cresce o silêncio, estando os dois sozinhos no quarto, vai ficando evidente o erotismo que sentem. Oribela não sustenta isso, tem medo.

Ela diz, tentando preencher o vazio:

ORIBELA

És cristão-novo, não és?
És cristão-novo, foste bautizado de pé?

Ximeno assente.

ORIBELA

Havia uma órfã assim no mosteiro. Seus pais haviam sido queimados.

XIMENO

Não quero falar disso.

Oribela faz uma pausa.

ORIBELA

Eu tinha esperança de ser dama de alguma senhora... eu achava que me esforçando, alguém ia me tirar dali...
*Eu... eu havia esperança de me alongar do mostêrio...
Seer aia de alguma dona...Coidei que me esmerando...*

Ximeno sente a fragilidade de Oribela. Diz, tentando ampará-la:

XIMENO

A vida das damas também é presa. Obedecem às senhoras. Não podem sair.
Las ayas biven presas también. No lis permiten salir.

Oribela olha pra ele, com certo alívio nos olhos, pela amizade no tom de voz dele.

Depois de algum tempo, Ximeno tenta retomar um diálogo.

XIMENO

(um pouco sem jeito)
Eu vou... trazer água... pra cima... um... sabão...
Yo... traeré augua... arrbiba... Un... jabón...

O Jesuíta entra com expressão observadora e desconfiada.

Uma índia passa com roupas. Francisco demora a falar.

JESUÍTA

Que fazes aqui?
Que fajes aqui?

FRANCISCO

Boa tarde, padre. (faz uma pausa, humilde) Eu queria falar com a velha Maria.
Bõa tarde, padre. Eu queiria falar con na velha Maria.

O padre tem a cara fechada, ainda remoendo o mau trato na fazenda.

JESUÍTA

Falar o quê?
Falar o que?

FRANCISCO

Queria perguntar algumas coisas. Coisa pouca. Não vai demorar.
Preguntar alguas cousas. Pouco de rem. Non é de moras.

JESUÍTA

Se tivesses vergonha, não aparecias aqui pra pedir coisas.
Se houvesse de vergonha, non veinha aqui pera pedir cousas.

FRANCISCO

Padre...
Padre...

JESUÍTA

Arrogante... Orgulhoso... Soberbo...
Arrogante... Orgulhoso... Soverbo...

Francisco fica quieto. Segura o chapéu.

JESUÍTA

Se soubesse a pequenez de teu caráter... não te entregava uma noiva, mas te punha a rezar com os índios... Que és mais selvagem...
Se soubesse quam piqueno era to caratre... non te aramá ofertava ua novia, mas havia te por de rezar ontre os brasis... Que és mais selvagem...

Francisco baixa a cabeça.

FRANCISCO

Eu sei, padre...
Eu seio, padre...

JESUÍTA

Não tens como saber.

És longe de o saber.

Francisco faz esforço pra se conter, mas continua em silêncio. Depois de outro tempo, diz:

FRANCISCO
Estás certo, padre. Me desculpa.
É certo, padre. Me perdõa.

Francisco lança um olhar fundo, de animal, ao Jesuíta.

FRANCISCO
Me deixa falar com a velha Maria.
Me leixa falar con na velha.

O Jesuíta fraqueja.

77 CASA DAS GENTIAS, QUARTO MARIA INT/DIA

O Jesuíta abre a porta, e deixa Francisco entrar.

É um quarto minúsculo, sem redes. Um manto estendido serve de colchão. Um pequeno altar está montado no canto.

Maria reza em frente ao altar, ajoelhada sobre pedras. Sua postura lembra a de Oribela no início do filme.

Francisco se aproxima. Um pouco incomodado pela presença do Jesuíta, pergunta:

FRANCISCO
Maria...

A velha olha pra ele.

Francisco olha em volta, como procurando Oribela.

JESUÍTA
(seco)
Seja breve, Francisco.
Sê ligeiro, Francisco.

FRANCISCO
(para a Velha)
Queria falar-te um instante, a respeito de Oribela.
Querria falar-te um poico, sobala Oribela.

Maria fica em silêncio. O padre se intromete:

JESUÍTA
Se tua esposa quer a velha, desista. Está cumprindo penitência.
Se ta espõnsa queire a velha, desista. É em penitença.

FRANCISCO
(amargo)
Minha esposa fugiu.

Inha espōsa fogiu.

A velha fica observando Francisco.

O padre parece surpreso.

A expressão de Maria é pura preocupação e espanto.

78 VILA, TRECHO RUA EXT/ENTARDECER

O trecho da rua está quase vazio.

Pela janela, aparece o quintal da casa vizinha à de Ximeno.

Uma índia grávida estende roupa lavada. A seu lado um curumim.

Outra índia recolhe as galinhas, num pequeno galinheiro.

Parecem calmas. Conversam, riem.

79 SÓTÃO DE XIMENO INT/ENTARDECER

Pela janela, Oribela observa a rua.

Sente-se isolada, solitária.

Ximeno despeja água de uma grande moringa dentro de uma tina no chão.

ORIBELA

Não... eu faço...

Ximeno deixa a moringa ao lado da tina, sem terminar de despejar a água.

Sai do cômodo.

Oribela puxa a cadeira para perto da tina.

Ela senta, sem tirar a roupa. Apenas levanta a barra da calça. Coloca os pés na água.

Tristemente, começa a se lavar.

80 SÓTÃO DE XIMENO INT/NOITE

Oribela dorme.

Depois de um instante, o alçapão se abre.

Ximeno entra no quarto.

Observa o corpo de Oribela dormindo.

Hesita.

Pára. Fica imóvel por um bom tempo. Seus olhos expressam um desejo seco e contido.

Ele senta ao lado dela.

Oribela resmunga grosso, sem despertar.

Ele coloca a mão entre as pernas dela. Começa a acariciá-la.

A imagem mostra apenas os rostos dos dois.

Mas intuímos, pelo movimento dos braços de Ximeno, que ele mexe entre as pernas dela, sentindo-a, apalpando-a.

Oribela não abre os olhos. Não sabemos se está desperta ou ainda dorme.

Ela vai lentamente reagindo.

Ximeno continua a acariciá-la.

A respiração de Oribela se altera. Torna-se sensual, ofegante.

De repente, ela acorda num susto.

Senta-se na cama, como um bicho acuado.

Oribela finalmente o reconhece. Num instante, muda de expressão, como se lembrasse o sonho, os toques de Ximeno enquanto dormia.

Oribela continua acuada.

Ximeno se aproxima dela. Toca-lhe o pescoço.

Oribela não se move.

Ele se encosta a ela, e vai fazendo com que deite com a pressão do próprio corpo.

Oribela endurece o corpo, mas não reage. Ainda resiste.

Ximeno força as pernas dela, e se coloca numa posição de cópula.

Diferente das cenas com Francisco, Oribela aqui parece concordar com o jogo, embora tenha medo, por isso faça resistência. Mas a força de Ximeno não é algo que a repugna.

Ximeno segura a cabeça dela com força, fazendo-a a ficar de olhos abertos enquanto ele a penetra.

Oribela fica de olhos abertos, e o encara.

Ximeno dá uma estocada.

Olha Oribela, esperando sua reação.

Ela apenas respira, assustada.

Ele dá outra estocada.

Desta vez, Oribela deixa escapar um gemido que poderia ser de dor ou prazer.

Ele dá outra.

O rosto dela vai ficando cada vez mais vermelho, quente.

Ele continua.

Oribela vai perdendo o controle da respiração, como se precisasse de mais ar.

Ximeno fecha os olhos. Apesar do ato sexual, ele está fortemente emocionado, e tenta frear essa emoção.

Ele vai estocando.

As unhas de Oribela se afundam nas costas de Ximeno.

Ele faz com mais força.

O rosto dela se altera num espasmo, completamente dominada pela relação.

81 VILA, TRECHO RUA EXT/DIA

Na rua, quase ninguém. De repente passam a galope FRANCISCO e NAVARRO. Vêm puxando o jegue de Oribela.

O lugar é visto de longe, do sótão de Oribela.

82 SÓTÃO INT/DIA

Oribela se afasta da janela.

83 CASA DE HENRIQUE - RUA E FRENTE INT/DIA

Henrique, um dos noivos da Sala de Audiências, tenta barrar Francisco à porta de sua casa. Francisco está acompanhado de Navarro, ambos armados.

A casa por fora é mais rica que a da fazenda.

Francisco fica um pouco desconfortável, com suas roupas sujas, sua grosseria.

FRANCISCO
Foram amigas no mosteiro...

HENRIQUE
(nervoso)
Se você tivesse exempado ela direito, ela não fugia de novo.

FRANCISCO
Pode guardar teus conselhos. Quero saber se está aqui.

HENRIQUE
Não está.

FRANCISCO
Tua mulher pode tê-la escondido!

HENRIQUE
Vai pra casa, Francisco.

De repente aparece Bernardinha, vinda da casa. Está bem vestida e penteada. Traz um bebê nos braços. Francisco a olha, surpreso.

BERNARDINHA
Não está aqui.

HENRIQUE
Vai pra dentro.

O bebê, a presença de Bernardinha, são como um choque para Francisco.

FRANCISCO
(agoniado)
Tu a conheces bem. Onde crês que possa ter ido?

Bernardinha fica em silêncio, o olhar sério.

BERNARDINHA
Por que ela fugiu, senhor Francisco?

HENRIQUE
Entra, Bernardinha.

FRANCISCO
Não sei.

BERNARDINHA
Ela não tinha amigas... Fez alguma, depois do casamento?

FRANCISCO
Não...

Um homem manco, com uma perna de pau, passa na rua por trás do grupo. É JOÃO COTO. Ele passa observando discretamente Francisco e Navarro. Bernardinha pára um instante. Parece comovida.

BERNARDINHA
(emocionada)
Sem amigas, sozinha... Pra onde poderia ir...? ⁴

84 SÓTÃO DE XIMENO INT/NOITE

Oribela está deitada no chão, e por entre as fendas do assoalho tenta ver e ouvir Ximeno conversando com João Coto.

⁴ Essa seqüência foi totalmente eliminada quando da tradução dos diálogos.

85 QUARTO DE XIMENO INT/NOITE

O quarto está quase escuro.

Ximeno mexe em algumas caixas. Tem o rosto grave, preocupado.

XIMENO
(baixo, discretamente)
lesh li homer she ani chaiav leotzi oto me Portugal...
(Tenho um material que devo levar para fora do território português.)

Ximeno estende a ele um pequeno mapa que tirou da caixa.

XIMENO
(tenso)
Ischa muvrachat.
(Uma esposa fugida.)

Ximeno indica algumas coisas no mapa.

XIMENO
(baixo, grave)
Chashavti lakacha otó le nahal da Prata...
(Pensei em levá-la para o rio da Prata.)

João Coto corrige as indicações dele, mostrando outras.

JOÃO COTO
Ata af paam lo tuchal laavor mustar betoch a shetach
imaisha...
(Nunca passarias incógnito pelo interior do território com uma mulher.)

86 SÓTÃO DE XIMENO INT/NOITE

Os olhos de Oribela, nervosos, observam Ximeno conforme ele sobe as escadas e entra no sótão.

Ele traz uma cuia de comida.

ORIBELA
Me trancaste o dia todo.

Ximeno entrega a comida a ela.

ORIBELA
(desesperada)
Soubeste da nau? Quando vem?
Que é da nave? Subeste cando venrá?

XIMENO
Queres água? Urinar?
Deseas augua? Orinar?

Oribela aproxima-se da janela.

XIMENO

Vamos sair à noite. Se tivermos sorte, ninguém nos verá.
Saliremos a la noche. Si hubiéremos suerte, nadie nos verá.

Oribela o observa, ansiosa.

XIMENO

Há três vilas, seguindo a costa em direção ao sul. Duas são portuguesas. A terceira é castelhana.
Hay tres villas, indose por la costa contra el sur. Dos son portuguesas. La tercera es española.

Oribela se cala. Sua figura evidencia impotência e preocupação.

Ximeno faz uma pausa.

XIMENO

Não haverá nau nos próximos três meses. Não tenho como te esconder tanto tempo.
No habrá nave por tres meses seguidos. No puedo esconderte tanto tiempo.

ORIBELA

Segues também para o reino?
Segues tam bem ò reino?

XIMENO

Não.
No.

ORIBELA

Preferes os degredados.
Mais gostas dos salvagens.

XIMENO

Há muita Santa Inquisição em Portugal.
Hay mucha Santa Forca en Portugal.

O quarto fica silencioso.

Ela tem os olhos baixos, a expressão solitária e triste.

Abraçam-se.

Oribela afunda o rosto entre os braços de Ximeno.

87

ESTÁBULO DE XIMENO E RUA DA VILA

INT/NOITE

Oribela e Ximeno estão sozinhos no estábulo, no silêncio da madrugada. Usam botinas de couro para viagem.

Ximeno coloca sela nos dois cavalos, e prende nelas armas e facas.

Oribela esbarra em uma caixa, fazendo barulho.

Ximeno faz um gesto duro pra que faça silêncio.

Ele coloca Oribela em um cavalo, monta em outro, e saem para a rua.

88 PRAIA PORTO EXT/NOITE

Ximeno e Oribela, cada um em seu cavalo, seguem pela estradinha que leva à praia.

É uma noite escura.

Ximeno conduz seu cavalo pela areia.

A praia segue longa até o sul.

Oribela o segue. Em seu cavalo, presa à sela, está a arma de fogo.

Ximeno olha pra trás. Não há ninguém.

Os dois continuam avançando, pelo escuro, em silêncio.

89 PONTA COM PEDRAS, E PRAIA EXT/NOITE

Ximeno e Oribela chegam à ponta da praia, que tem algumas pedras e um pequeno morro.

Ximeno faz um gesto pra que Oribela desmonte, e desce do cavalo.

Ela faz o mesmo.

XIMENO

Puxe a rédea, atrás de mim.

Tire las riendas trás mi.

Ximeno começa a caminhar sobre as pedras, levando seu cavalo. Oribela o segue.

No silêncio da noite, chegam ruídos de animais, da mata mais adiante, da água batendo nas pedras.

Oribela caminha tensa.

Os cavalos andam vagarosamente sobre as pedras.

90 SEGUNDA PRAIA EXT/NOITE

Oribela e Ximeno alcançam a outra praia.

Sobem nos cavalos, e continuam o caminho.

ORIBELA

Vamos seguir quantos dias?

Ximeno não responde.

XIMENO

A cidade dos castelhanos é melhor que esta. Vivem de gado. Gente mais fácil de tratar.

La cibdat és de los castellanos. Gente más lieve.

ORIBELA

Poderias ficar até a chegada da nau...

Resta até a nau chegar...

XIMENO

Fico lá alguns dias.

Puedo querdarme unos días.

Continuam cavalgando.

91

SEGUNDA PRAIA

EXT/AMANHECER E DIA

Oribela e Ximeno seguem cavalgando. O sol nasce. Depois de algum tempo, por cautela, Ximeno olha novamente para trás.

De repente aparece, a longa distância, um vulto que os segue.

Ximeno observa atentamente, mas não enxerga direito.

Volta-se para frente. Oribela estranha. Olha pra trás.

O vulto permanece atrás deles, difícil de identificar.

ORIBELA

Que é?

Que passa?

Ximeno acelera seu cavalo. Puxa a rédea do animal de Oribela, pra que acelere também.

Depois de avançar rapidamente, Ximeno volta a olhar pra trás.

Para sua surpresa, o vulto está ainda mais próximo.

É um homem a cavalo. Francisco.

Cavalgando à pouca luz da noite, com o barulho do mar, ele mantém os olhos fixos na figura distante de Oribela.

Tem o rosto marcado, envelhecido.

Ximeno acelera ainda mais seu cavalo.

Oribela olha pra trás. Vê Francisco. Acelera também.

Os dois cavalgam nervosamente, lado a lado.

Os ruídos do animal de Francisco vão ficando cada vez mais próximos.

Ximeno verifica a arma que traz na cinta.

Oribela percebe.

De repente, ouve-se um grito de Francisco:

FRANCISCO
Oribela! Oribela!

A voz dele é forte e angustiada. Ele está a uma distância de uns 50 metros. Oribela fecha o rosto, ao ouvir.

FRANCISCO
Oribela!

Ximeno saca a arma.

92 SEGUNDA PRAIA EXT/DIA

Ximeno repentinamente pára seu cavalo. Volta-se para trás, apontando a arma.

Francisco está a uns 30 metros de distância. Pára também.

FRANCISCO
Não quero atirar! Só levar ela de volta!
Nam queiro disparar! Somente levá-la.

Oribela emparelha-se a Ximeno.

ORIBELA
(determinada)
Vai embora, Francisco!
Some-te, Francisco!

Francisco começa a se aproximar dos dois.

FRANCISCO
(gritando)
Só quero o que me pertence! Não vou te matar, nem ele!
Só queiro o que é meu! Non hei te matar, ni ela!

ORIBELA
(dura)
Francisco, eu não vou.
Eu non vou contego. Vade aramá!

Ximeno adianta seu cavalo, empunhando a arma, preocupado com a aproximação de Francisco.

XIMENO
(ameaçador)
Deixa ela ir.
Deshala irse.

Francisco mantém os olhos fixos em Oribela e continua se aproximando.

FRANCISCO
(forte)
Vem! Vamos pra casa.
Vem! Pera cas. Vamos pera cas.

Ximeno se adianta ainda mais, tentando fazer mira. Francisco também aponta uma arma.

93 SEGUNDA PRAIA EXT/DIA

Oribela, assustada, adianta seu cavalo e coloca-se entre os dois.

Francisco rapidamente faz uma manobra, e se emparelha a ela.

Os três cavalos ficam lado a lado. Começam a andar em círculo, nervosamente.

FRANCISCO
(sério, a Oribela)
Estamos presos um ao outro...
Somos atados um ò outro...

Oribela fica espremida entre Ximeno e Francisco.

ORIBELA
(aflita)
Pelo amor de Deus, Francisco... Pelo amor de Deus...
Para madre Deus! Francisco... Par deos!

Ximeno tenta fazer mira. O cavalo de Oribela se move nervosamente, ela embaralha seu campo de visão.

FRANCISCO
Atados por fortes grilhões...
Presos com duros grilhões...

ORIBELA
Vai embora!
Pera madre Deus... Xopra! Safa!

Os três cavalos continuam andando em círculo, emparelhados.

Francisco tem a arma em punho.

FRANCISCO
(gritando)
Não vou te castigar! Não vou te castigar!
Non hei te castigar! Non hei te castigar!

Ximeno, em movimento, procura ângulo para atirar em Francisco. Oribela está entre os dois, dificultando a visão. Francisco, de seu lado, também tenta mirar.

FRANCISCO
Não quero matar! Não quero matar!
Non queiro matar! Non queiro matar!

Oribela tenta se desviar. Mas os dois homens continuam marchando, fazendo-a girar.

XIMENO
(pra Oribela)
Sai da frente!
¡Aléjate! ¡Ándate!

Oribela percebe que Ximeno tem a arma apontada. Atrasa seu cavalo.

Francisco imediatamente aproveita a abertura. Atira.

Acerta Ximeno.

Ximeno cai do cavalo, pesadamente.

ESCURECIMENTO

94 CASA DA FAZENDA, QUARTO DE FRANCISCO INT/DIA

O rosto de Oribela está suado e contorcido de dor. Seu cabelo está mais longo. Ela urra, desesperada, como se estivesse sendo torturada.

Ouve-se uma movimentação à sua volta, como se houvesse mais gente no cômodo.

95 PÁTIO DA FAZENDA EXT/DIA

A fazenda está sendo desmontada. Os escravos tiram telhas das edificações, já há pilhas pelo pátio. Algumas peças do engenho: moenda, tachos, colheres estão amarradas sobre jegues. Em outros, móveis, mantimentos, tudo o que havia na fazenda.

A gente se movimenta em volta, lidando com os últimos preparativos para partir. Muitos índios estão carregados também.

Os urros de Oribela ressoam pelo pátio.

96 CASA DA FAZENDA, QUARTO DE FRANCISCO INT/DIA

Oribela grita desesperada.

Com o rosto contraído de dor, ela tem um espasmo, grita ainda mais. Vemos que está de pé, amparada por duas índias, dando a luz. O esforço é enorme e seu cansaço é evidente.

Francisco a observa, imóvel, a certa distância. Sua expressão é dura, rancorosa.

De repente, vemos nascer uma criança.

Temericô levanta o recém-nascido. Uma índia velha corta o cordão umbilical.

TEMIRECÔ
T'i porang (puku)nde r-ekobé.
(Seja bela (longa) a tua vida.)

97 PÁTIO EXTERNO EXT/DIA

A tropa está disposta para a partida. A gente da fazenda espera em volta.

Francisco segue para a frente da comitiva, fazendo gestos a seus homens:

FRANCISCO

Êia! Andar!

Êia! Andar! Em boa hora! Partir!

98 CASA DA FAZENDA QUARTO E CORREDOR INT/DIA

Oribela é tirada da casa em uma rede carregada por dois índios. A casa está vazia e destelhada.

Temericô lhe entrega o bebê enrolado num pano branco.

99 PATIO DA FAZENDA EXT/DIA

Branca está numa espécie de cadeira levada por dois jegues. A menina Viliganda acompanha ao lado, quietinha.

Francisco se aproxima. Vê a menina sozinha. Desce do cavalo, e a coloca no próprio cavalo, a sua frente.

Oribela chega na rede no exterior, nota a ação de Francisco. Olha Viliganda, com o olhar perdido.

A caravana começa a andar.

Francisco vai comandando tudo.

Oribela observa o bebê. A criança dorme. Lentamente, ela começa a acariciar seus cabelos.

O menino tem a pele macia, de criança nova.

Os olhos fechados, a expressão serena.

Carinhosa e atentamente, Oribela examina os cabelos do menino.

Seus cabelos são ruivinhos.

FIM

DESMUNDO

Um filme de Alain Fresnot

Com

Simone Spoladore
Osmar Prado
Caco Ciocler
Berta Zemel

Direção

Alain Fresnot

Produção Executiva

Van Fresnot

Direção de Produção

Ivan Teixeira

Roteiro

Sabina Anzuategui
Alain Fresnot

Direção de Fotografia

Pedro Farkas

Montagem

Júnior Carone
Mayalu Oliveira
Alain Fresnot

Direção de Arte

Adrian Cooper
Chico de Andrade

Figurino

Marjorie Gueller

Som Direto

Romeu Quinto

Música

John Neschling

Preparação de Elenco

Fátima Toledo

Pesquisa Linguística, Adaptação e Preparação do Elenco

Helder Ferreira

O roteiro do filme "Desmundo" foi desenvolvido com o apoio do Instituto Sundance - Laboratório de Roteiro Riofilme 2000

ELENCO

Oribela **Simone Spoladore**
Francisco de Albuquerque **Osmar Prado**
Ximeno Dias **Caco Ciocler**
Dona Branca **Berta Zemel**
Dona Brites **Beatriz Segall**
Governador **José Eduardo**
Maria **Debora Olivieri**
Jesuíta 1 **Olayr Coan**
Jesuíta 2 **Fábio Malavoglia**
João Couto **José Rubens Chachá**
Afonso Soares D'Aragão **Cacá Rosset**
Bernardinha **Giovanna Borghi**
Giralda **Laís Marques**
Polônia **Carol Leiderfarb**
Tareja **Fernanda Miranda Moreira**
Urraca **Samantha Oliveira**
Viliganda **Ana Paula Mateu**
Cristóvão Boralho **Marcos Daud**
Noivo Polônia **Victor Rebouças**
Henrique **Luiz Carlos Bahia**
Vaz Sarmiento **Igor Kovalewski**
Noivo Urraca **Eduardo Lemes de Oliveira**
Nagô **John Paul**
Temericô **Maria Conceição de Oliveira**
Diplomata 1 **Daniel Munduruku**
Diplomata 2 **Nelson Nunes**
Coroinha I **Célio Fernandes da Silva**
Coroinha II **Virgílio Verissimo**
Navarro **Timóteo da Silva V. Potigúá**
Homem do Navarro **Nicolau Tupã M. Gabriel**
Marinheiro **Joaquim Alexandre Roit**
Marinheiro **José Raul Barretto**
Marinheiro **Pedro Hugo Possolo**
Músico **Arrigo Barnabé**
Músico **Antonio Tadeu Bassarelli**
Músico **Guilherme de Camargo**
Comerciante **Helder Ferreira**
Mameluco **Alain Fresnot**
Bebê de Oribela **Livia Schasselem de Oliveira**

EQUIPE DE PREPARAÇÃO

Planejamento de Produção
Caio Gullane
Fabiano Gullane
Estagiária de Produção
Luciana Baptista
Consultor de Direção de Arte
Clóvis Bueno
"Story Board"
Yuri Carlos Garfunhez

Pesquisador Linguístico

Ana Crunik
Ana Paula Gomes
Sergio Barbosa da Silva

Pesquisadora Musical

Joana Mariz

Preparação e Coreografia de Luta

Dani Hu

Consultoria Náutica

Cacá Freire
Pércio Freire Sobrinho

Colaboradores do Roteiro

Ana Miranda
Anna Muylaert
Fernando Bonassi
Jean-Claude Bernardet
Luiz Alberto de Abreu

Tradução para o Francês

Alain Mouzat

Tradução para o Inglês

Regiane Maria Capalbo

EQUIPE DE DIREÇÃO**1º Assistência de Direção e Diretor 2º Unidade**

Geraldo Motta

Assistência de Direção

Kika Nicolela
Tomás Rezende

Continuista

Isabel Amaral

Ass. de Preparação de Elenco

Nara Pinto
Christian Duurvoort

Prep. e Produção "Casting" Indígena

Darci Figueiredo

Assist. de "Casting" Indígena

Carlos Mikaro

Assistência de "Casting"

Maria Julia Andrade

Assistência de "Casting" Local

Claudia Oliveira

Assistente de Continuidade

Ninfa Moraes

EQUIPE DE PRODUÇÃO**Ass. Produção Executiva**

Salete Melo

Coordenação Administrativa

Sonia Hamburguer

Aux. Administrativo

Isabel Cristina Silva

Andréa Ariani

Estagiária Executiva

Ana Rita Rodrigues
Sachais Couto de Brito
Assessoria Jurídica
Daniela Aun
Apoio Administrativo
Bruno Araujo Simões
Elisângela Cardoso
Marcial Reginaldo de Souza
Eliane Bandeira
Magda Freitas
Tina Marie Remedios
1º Assistência de Produção
Rui Pires
Assistência de Produção
Danilo Gullane
Doni II
Secretária de Produção
Scheila Carvalho
Estagiário de Produção
Flávia Lopes
Paulo Sakopniak de Camargo
Ulisses Xavier
Produção de Set
Leonardo Oest
Ass. Produção de Set
Eduardo Pacheco
Roberto Crionésio dos Prazeres
"Boy de Set"
Ademilson Roberto Valentino
Produção comercial
Olívia de Carle Gottheiner
Emerson Mostacco

EQUIPE DE FOTOGRAFIA

Operador de Câmera
Pedro Ionescu
1a. Assistência de Câmera
Maritza Caneca
2a. Assistência de Câmera
Rodrigo Reis
Vídeo Assist
Léo Gonzaga
Eletricista Chefe
Carlos "Betão" Ribeiro
1º Assistência de Elétrica
Ronaldo Neves Lopes
2º Assistência de Elétrica
Wilson de Lima Martins
Eletricista 2a. Unidade
Fábio Roberto da Conceição
1º Assistência de Elétrica 2a. Unidade
Carlos do Nascimento
2º Assistência de Elétrica 2a. Unidade
Eduardo Martins Santana
Hilton "Bebe"

Maquinista Chefe

Julio "Julinho" Guimarães

Assistência de Maquinária

Beto Quini

Cícero Teles

Operador de Gerador

Jean Carlos Trevisan

Fotógrafo "Still" e Captação de "Making Of"

Ching C. Wang

Operador de "Steadycam"

Fabrizio Tadeu B. Lima

Gustavo Hadba

EQUIPE DE SOM**Assistência de Som**

Luciano Raposo

Microfonista

Marcelo Raposo

EQUIPE DE MÚSICA**Maestro Assistente**

Ilan Rechtman

Violoncelista

Iris Regev

Flautista

Bridget Bolliger Neschling

EQUIPE DE ARTE**Assistência de Arte**

Zeca Nolf

Cenógrafo

Hélcio Pugliesi

Produção de Arte

Fernanda Senatori

Ass. Produção de Arte

Edu Gioia

Celso "Not Dead" Camargo

Estagiário de Arte

Vender Cardoso

Coordenação de Cenotécnicos

Pupe e Lázaro

Ezequias e França Laibório

Pintura de Arte

Bia Pessoa

Ass. Pintura de Arte

Luciano Romeu

Robson da Silva

Estagiária de Pintura de Arte

Patrícia Cabral

Ass. Pintura de Arte Nau Capitânia

Ismael Pereira de Souza

Ramiro da Silva

Cenotécnico cerâmica

Benício Brizola

Cenotécnico madeiras

José Fernando Benedito
Cenotécnico ferragens
Ivan "Abelha"
Ass. Cenotécnico
Francisco A. de Moraes
Produção de Objetos
Clíssia Moraes
Déia Brito
Assistência de Objetos
Leandro Vilar
Estagiária de Objetos
Ana Terra
Contra-Regra
Úrsula Ramos
Ass. Contra-Regra
Denir da Silva Calassara
Assistência de Figurino
Carolina Li
Joana Porto Naves
Camareira
Yuki Uemura
Costureira
Benê Calistro
Cecília Calistro
Regina Helena Spagnolo
Aderecista
Cida Coelho
Inês Sacay
Maria Angela Silva
Sônia Zerbinato
Wharla A. Pereira
Ianay Meireles Mourão
Tingimento e Envelhecimento
Maria "Foquinha" Marconi
Assistência de Envelhecimento
Ronaldo Pereira
Teares Indígenas
Katy da Silva Moura
Vanessa A. dos Santos
Aderecista em Couro
Fernando Leite
Chapeleiro
Antonio Pedra
Maquiagem e Cabelo
Vavá Torres
Ass. Maquiagem
Alexandre Rodrigues
Cabelereira
Luana Fátima Pereira Silva
2a. Ass. Maquiagem
Néia Ferreira da Silva
Estagiária de Maquiagem
Déborah Levys Epstein
Efeitos de Filmagem
Miragem Efeitos Visuais

FINALIZAÇÃO

Assistência de Montagem

Lessandro Sócrates

Produção de Finalização

Eliane Ferreira

Francisco Mosquera

Digitalização

Gabriel Varala

Montagem de Copião

Rosa Cavichioli

Nilza de Moraes

Priscila Cavichioli

Montagem de Negativo

Angela Bifaro e equipe

Letreiros

Guto Lacaz

Trucas

Wanderlei Gomes da Cruz

Edição e Supervisão de Som

Roberto Ferraz

Edição de Ambientes

Armando Torres Jr.

Edição de Diálogos e Música

Natalia Rabczuck

Ruídos de Sala

Antônio Cesar dos Santos

Assistente de Ruídos de Sala

Cesar Rocha dos Santos

Mixagem

José Luiz Sasso

Pré-Mixagem de Ambientes e Ruídos

Pedro Sérgio

Consultor Dolby

Carlos Klachquin

Estagiário de Finalização

Maurício Barros Osaki

ANIMAIS DE CENA

Treinador de Cavalos

Edson "Cowboy" Cardoso

Tratador de Cavalos Lusitanos

José "Zequinha" dos Santos

Tiago Teodoro

Tratador de Animais

Jamil Pereira Alves

João Chaves

José Luiz Fernandes

Leonino Gomes Caldeira

Oswaldo Marques

Ramon Dias Chaves

Bióloga

Frederica Moura

Veterinário

Lázaro Ribeiro Puglia
Coordenador Operacional
Katia Regina Pereira

PRODUTORES ASSOCIADOS

Ana Miranda
Caco Ciocler
Debora Olivieri
John Neschling
Sabina Anzuategui
Simone Spoladore
Victor Rebouças

CO-PRODUTORES

Sony Corporation of America
Columbia Pictures Television Trading Corporation
Columbia Tristar Comércio Internacional (Madeira)
Labocine do Brasil Ltda.
Loc-All
Paulo de Souza - Continental Filmes - Lisboa
Cinemark Brasil S/A
Eléctrica Cinema e Vídeo Ltda.

PATROCÍNIO

Fuji Film do Brasil

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Elenora de Martino Salim
João Bacci
Laércio Felix dos Santos
Luis Antonio Viana
Luis Carlos Macedo
Paulo Ribeiro
Pedro Farkas
Valmir Fernandes
Ao povo de Ubatuba e às populações indígenas
das aldeias Boa Vista, Rio Silveira, Barragem,
Paraty-Mirim, Eterin-Xavantes e Jaraguá.

Agradecemos à empresas que tornaram o filme possível graças à Lei do Audiovisual

Corretora: SUPRA S/A
AVENTIS PHARMA LTDA
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S/A
BANESPA S/A CORRETORA DE CÂMBIO E TÍTULOS
BANESPA S/A ARRENDAMENTO MERCANTIL
BANESPA S/A SERV. TÉCN., ADM. E DE CORRET. SEGUROS
BNDES PARTICIPAÇÕES S/A - BNDESPAR
BOZANO SIMONSEN LEASING S/A ARREND. MERCANTIL
CASA SANTA LUZIA IMPORTADORA LTDA
CIA AGRIC. ADM. COML. INDL. CAACI

COMPANHIA BRASILEIRA DE TRUCK STOP
CUIABÁ DIESEL S/A
DIBENS FACTORING-FOMENTO COMERCIAL LTDA
GV HOLDING S/A
INTEL SEMICONDUTORES DO BRASIL LTDA
LINK SHOP COMERCIAL S/A
MULTIVIDRO IND. E COM. LTDA
NADIR FIGUEIREDO IND. E COM. S/A
PLP PRODUTOS PARA LINHAS PREFORMADOS LTDA
POLITEC S/A
RHODIA ACETOW BRASIL LTDA
RHODIA BRASIL LTDA
RHODIA POLIAMIDA LTDA
RHONE POULENC AGRO BRASIL LTDA
RODOBENS ADMINISTRAÇÕES E PROMOÇÕES LTDA
RODOBENS ADMIN. E CORRETORA DE SEGUROS LTDA
RONDOVERDI S/A VEÍCULOS E MÁQUINAS
SANTANDER BRASIL ARRENDAMENTO MERCANTIL
SAYERLACK IND. BRASILEIRA DE VERNIZES S/A
TECNOLOGIA BANCÁRIA S/A
TERMOMECÂNICA SÃO PAULO S/A
ULTRAFÉRTIL S/A
VEGA ENGENHARIA AMBIENTAL

O DIRETOR:

ALAIN FRESNOT (Paris/França 06/06/1951) - O parisiense Alain Fresnot chegou ao Brasil com oito anos de idade. Estudou cinema na ECA-USP (Turma de 1971/74). Iniciou-se na direção como curta-metragista, trabalhou como ator em *Sete Dias de Agonia*, de Denoy de Oliveira, assistente de direção em *Paranóia*, de Antônio Calmon, e *Eles Não Usam Black-Tie*, de Leon Hirszman, roteirista, *Doramundo*, com João Batista de Andrade, montador de diversos curtas e, entre outros, dos longas *O Homem Que Virou Suco*, de João Batista, e *Marvada Carne*, de André Klotzel. É produtor de cinema. Dirigiu os curtas *Doces e Salgados*, *Pêndulo*, *Nitrato*, *Capoeira*, *Amor Que Fica* e *Pé de Pato*. Em 1976, Fresnot estréia no longa-metragem com *Trem Fantasma* (rodado em 16 mm). Em 1981, integraria o grupo fundador da TATU FILMES, produtora que marcou época no cinema de São Paulo. Durante seis anos, a trupe (Adrian Cooper, Chico Botelho, Cláudio Khans, Mário Masetti, Walter Rogério, Wagner Carvalho, e Alain Fresnot) ajudou a definir o perfil cinematográfico da Vila Madalena, espécie de Cinelândia paulistana. Em 1988, Fresnot estreou no longa-metragem em 35 mm, dirigindo *Lua Cheia*, livre adaptação da peça *O Sr Puntilla e Seu Criado Matti*, de Bertolt Brecht. À frente do elenco, Lima Duarte e Otávio Augusto. O filme venceria o RioCine Festival/89. Na fase da Retomada, com o Prêmio Resgate/MinC, Alain realizou *Ed Mort*, recriação no cinema do atrapalhado detetive de Luis Fernando Veríssimo. Paulo Betti interpretou o personagem-protagonista. O filme venceu o Festival de Salvador/97 e o prêmio HBO do cinema brasileiro. Até dirigir seu quarto longa, *DESMUNDO*, Alain Fresnot produziu, em parceria com Van Fresnot, três longas de outros realizadores: *Kenoma*, de Eliane Caffé; *Através da Janela*, de Tata Amaral, e *Castelo Rá-Tim-Bum*, de Cao Hamburger.

A ROTEIRISTA:

SABINA ANZUATEGUI (Curitiba/PR 1/6/74) veio para São Paulo para cursar a faculdade de Cinema e Vídeo da ECA/USP em 1993. Enquanto estudante, dirigiu o curta-metragem *A Língua do Cão*, premiado no Festival de Cinema Universitário de Niterói em 1996 por Melhor Roteiro e Destaque em Expressão Sócio-Cultural. Como roteirista, escreveu os documentários *Na garupa de Deus*, de Rogério Correa (2001) e *Nasceu o Bebê Diabo em São Paulo*, de Renata Druck e

Janice D'avila (2001), este último agraciado com o prêmio de aquisição da TV Cultura no festival "É tudo verdade" de 2002. Colaborou também com os roteiros de *Quanto vale ou é por quilo?*, de Sérgio Bianchi (2005), e *Seja o que Deus quiser*, de Murilo Salles (2003). Além de roteirista, é escritora, autora do romance *Calcinha no varal* (ed. Companhia das Letras, 2005).

O CRIADOR DOS DIÁLOGOS EM PORTUGUÊS ARCAICO:

HELDER FERREIRA (São Paulo/SP 1/7/76), o pesquisador e lingüista que verteu os diálogos de Desmundo para o português arcaico, soma experiência como pesquisador, tradutor, professor e assessor de educação. Ele é autor do livro *Origem dos Nomes dos Municípios de São Paulo*, financiado pela Fundação Prefeito Faria Lima e Cepam (Centro de Estudo e Pesquisa para Administração Municipal). A obra foi escrita em parceria com o jornalista Ênio Squeff e contou com assessoria (para a cultura guarani) d do cacique Manuel Lima e de Valdelino Veríssimo, presidente da Associação Tekó Arandu, ambos da aldeia Morro da Saudade. Como assessor de educação e professor, Helder atua no Iamá (Instituto de Antropologia e Meio Ambiente) e em projetos de educação indígena . Traduziu *Poemas de José de Anchieta do tupi antigo* (Editora Martins Fontes/1998), em trabalho realizado sob a coordenação do prof. Eduardo de Almeida Navarro. Traduziu, também *Duas Viagens ao Brasil*, de Hans Staden (em formatos livro e Cd-rom/Editora Beca/1999). Do inglês para o português, traduziu *Mas Que Droga É Essa?* (The user) de Aidan Macfarlane e Ann McPherson (Editora 34). Antes de traduzir os diálogos de Desmundo para o português arcaico, Helder Ferreira atuou no filme *Hans Staden* (Luiz Alberto Pereira/2000). Em parceria com o prof. Eduardo de Almeida Navarro ele verteu os diálogos do filme para o tupi. No teatro, fez a tradução dos diálogos da *A Mulher Caixa* (Darci Figueiredo) para o tupi antigo.